

COLEÇÃO 64 PÁGINAS

R\$ 3,00

Sir Arthur Conan Doyle

O GATO DO BRASIL

e outras histórias de terror e suspense



L&PM POCKET

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Sir Arthur Conan Doyle

O GATO DO BRASIL

Tradução de JOÃO GUILHERME B. LINCKE

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

O FUNIL DE COURO

Meu amigo Lionel Dacre morava na Avenida de Wagram, em Paris. Era **M**uma casa pequena, com grades de ferro e um estreito gramado na frente, à esquerda de quem passa o Arco do Triunfo. Imagino que existira ali muito antes da construção da avenida, pois o telhado cinzento era manchado de líquens e as paredes descoradas e mofadas pelo tempo. Vista da rua era uma casa pequena, com cinco janelas na frente, se não me falha a memória, mas alongava-se para os fundos num cômodo único. Era ali que Dacre tinha a sua extraordinária biblioteca de ocultismo, e fantásticas curiosidades que eram para ele uma mania e para os amigos uma diversão. Homem rico, de gosto excêntrico e refinado, despendera boa parte da vida e da fortuna reunindo o que passava por uma inigualada coleção particular de obras mágicas, talmúdicas e cabalísticas, muitas das quais de grande raridade e valor.

Seus gostos inclinavam-no para o sobrenatural e para o monstruoso, e ouvi dizer que os seus experimentos em matéria do desconhecido ultrapassaram todos os limites da civilização e do decoro. Com seus amigos ingleses ele nunca mencionava tais assuntos, e assumia o tom de um erudito e *virtuoso*; mas um francês cujos interesses eram da mesma natureza garantiu-me que os piores excessos da missa negra foram perpetrados naquela vasta e majestosa galeria, forrada com as estantes dos seus livros e com as arcas do seu museu.

A aparência de Dacre era suficiente para demonstrar que o seu profundo interesse em assuntos psíquicos era mais intelectual do que espiritual. Não se via traço de ascetismo em seu carão maciço, mas havia uma grande força mental no seu enorme crânio abaulado, que se projetava para cima por entre os cabelos ralos, como um pico nevado emergindo de uma franja de pinheiros. Seu saber era maior que sua prudência, e seus poderes superavam de muito o seu caráter. Seus olhos pequenos, profundamente encravados na face carnuda, brilhavam de inteligência e de uma insaciável curiosidade sobre a vida, mas eram olhos de um sensual e de um egoísta. E basta quanto ao homem, pois hoje ele está morto, coitado, e morreu precisamente no momento em que se assegurava de, por fim, ter descoberto o elixir da longa vida. Não é do seu complexo caráter que me proponho falar, mas do estranho

e inexplicável incidente que teve a sua origem quando eu o visitei, na primavera de 82.

Eu conhecera Dacre na Inglaterra, pois estava empreendendo umas pesquisas no Salão Assírio do Museu Britânico na mesma ocasião em que ele se empenhava em demonstrar um significado místico e esotérico em tabuinhas babilônicas, e essa comunidade de interesses nos pôs em contato. Reparos casuais tinham levado a conversações diárias, e estas a algo que se aproximava da amizade. Eu lhe prometera procurá-lo em minha próxima visita a Paris. Quando se apresentou o ensejo de cumprir o pacto, eu estava morando numa pequena casa de campo em Fontainebleau, e como os trens noturnos eram desconfortáveis ele me convidou para passar a noite em sua casa.

– Tenho apenas uma cama disponível – disse ele, apontando para um amplo sofá no vasto salão. – Espero que fique bem acomodado.

Era um quarto de dormir bem singular, com suas altas paredes de volumes pardos, mas não podia haver decoração mais agradável para um rato de biblioteca como eu, e não há perfume mais grato às minhas narinas que os eflúvios leves e sutis que se desprendem de um livro antigo. Assegurei-lhe que não podia desejar melhor alojamento ou um ambiente mais adequado.

– A decoração pode não ser conveniente nem convencional, mas pelo menos é custosa – disse ele, olhando as estantes. – Gastei perto de um quarto de milhão com esses objetos que o circundam. Livros, armas, joias, estatuetas, tapeçarias, imagens – não há quase aqui um único objeto que não tenha a sua história, e geralmente uma história que merece ser contada.

Ele estava sentado de um dos lados da lareira aberta, e eu do outro. Sua mesa de leitura ficava à direita, e uma forte lâmpada acima dela a envolvia num círculo vívido de luz dourada. Um palimpsesto parcialmente enrolado ocupava o centro, e em torno dele viam-se estranhas peças de bricabraque. Uma delas era um grande funil, como os usados para encher tonéis de vinho. Parecia feito de madeira escura, com uma borda de latão descolorido.

– Que objeto curioso – observei. – Qual é a sua história?

– Ah! – disse ele – é o que me tenho muitas vezes perguntado. Daria tudo para saber. Pegue-o o senhor mesmo e o examine.

Obedeci, e verifiquei que o que imaginara ser madeira era na verdade couro, embora o tempo o tivesse ressecado e tornado extremamente duro.

Era um funil grande, e comportaria um quarto de galão quando cheio. Um aro de latão debruava a boca, e a ponta também era revestida de metal.

– Que pensa que seja? – perguntou Dacre.

– Imagino que tenha pertencido a algum vinhateiro ou cervejeiro da Idade Média – respondi. – Já vi na Inglaterra canjirões do século dezessete – *black Jacks*, como eram chamados – da mesma cor e dureza deste funil.

– Eu diria que a data deve ser mais ou menos a mesma – disse Dacre – e, sem dúvida, deve ter sido usado para encher de líquido algum recipiente. Se, no entanto, minhas suposições forem corretas, era um estranho vinhateiro o que o usava, e um estranho vaso o que era enchido. Não notou algo esquisito no bico do funil?

Levantando-o na luz, observei que a umas cinco polegadas da ponta de latão o estreito gargalo do funil de couro era todo arranhado e machucado, como se alguém o tivesse entalhado com uma faca cega. Era o único ponto em que havia uma aspereza na superfície escura e lisa.

– Alguém tentou cortar o bico.

– Chamaria a isso um corte?

– Está esfolado e lacerado. Deve ter sido necessária certa força para deixar estas marcas num material tão duro, qualquer que fosse o instrumento. Mas, o senhor o que pensa? Tenho certeza de que sabe mais do que diz.

Dacre sorriu, e seus olhinhos piscaram com malícia.

– O senhor incluiu a psicologia dos sonhos entre os seus estudos eruditos? – perguntou.

– Nem sabia da existência dessa espécie de psicologia.

– Meu caro amigo, aquela estante sobre o balcão de joias está repleta de livros, de Albertus Magnus para a frente, que não tratam de outra coisa. É uma ciência em si mesma.

– Ciência de charlatães.

– O charlatão é sempre um pioneiro. Do astrólogo veio o astrônomo, do alquimista, o químico, do mesmerista, o psicólogo experimental. O curandeiro de ontem é o médico de amanhã. Mesmo coisas sutis e impalpáveis como os sonhos serão no devido tempo reduzidas ao sistema e à ordem. Quando esse tempo chegar, as pesquisas dos nossos amigos naquela estante já não serão divertimentos do místico, mas os fundamentos da ciência.

– Supondo que assim seja, o que tem a ver a ciência dos sonhos com este grande funil preto debruado de latão?

– Já lhe explico. Como sabe, eu tenho um agente que está sempre à espreita de raridades e curiosidades para a minha coleção. Algum tempo atrás ele ouviu falar num adeleiro de um dos cais que adquirira uns velhos trastes encontrados num armário de uma velha casa situada nos fundos da rua Mathurin, no Quartier Latin. A sala de jantar dessa velha construção é decorada com um escudo de armas, asnas e bandas encarnadas em campo prateado, que investigações mostraram ser o brasão de Nicholas de la Reynie, alto funcionário do rei Luís XIV. Não cabe dúvida de que outras peças achadas no armário remontam aos primeiros tempos desse rei. A inferência é, pois, que fossem todas propriedades desse Nicholas de la Reynie, que foi, ao que me consta, o cavaleiro especialmente encarregado de manter e executar as leis draconianas daquela época.

– E então?

– Sugiro-lhe que pegue outra vez o funil e examine a borda metálica superior. Vê nela alguma inscrição?

De fato havia nela uns sulcos, quase obliterados pelo tempo. A impressão geral era de uma sequência de letras, a última das quais guardava certa semelhança com um B.

– Parece-lhe ver um B?

– Sim, com efeito.

– A mim também. Aliás, não tenho qualquer dúvida de que seja um B.

– Mas o fidalgo de que fala teria um R por inicial.

– Exatamente! Aí é que está a beleza da coisa. Ele possuía esse objeto curioso, e no entanto tinha iniciais de outrem gravadas nele. Por quê?

– Não posso imaginar. E o senhor?

– Bem. Posso, talvez, adivinhar. Não percebe alguma coisa desenhada na borda, um pouco adiante?

– Diria que é uma coroa.

– Sem dúvida é uma coroa; mas, se a examinar em boa luz, verificará que não é uma coroa comum. É uma coroa heráldica – uma insígnia de nobreza, e consiste numa alternância de quatro pérolas com folhas de morango, o distintivo de um marquês. Podemos deduzir, portanto, que a pessoa cujas iniciais terminam num B tinha a prerrogativa de usar essa coroa.

– Então este simples funil de couro pertencia a um marquês?

Dacre fez um sorriso enigmático.

– Ou a algum membro da família de um marquês – respondeu. – É o que claramente se conclui desse aro gravado.

– Mas o que tem tudo isso a ver com sonhos?

Não sei se foi devido a uma expressão no rosto de Dacre, ou a uma sutil sugestão nos seus modos, mas um sentimento de repugnância, de inexplicável horror, assaltou-me enquanto eu contemplava a velha e surrada peça de couro.

– Mais de uma vez recebi importantes esclarecimentos por via dos meus sonhos – disse o meu companheiro na feição didática que gostava de assumir. – Agora, adotei como regra sempre que me vejo em dúvida sobre alguma questão especial, colocar ao meu lado enquanto durmo a peça em causa, e esperar uma elucidação. O processo não me parece tão misterioso, embora ainda não tenha a sanção da ciência ortodoxa. Segundo a minha teoria, qualquer objeto que tenha estado intimamente associado com algum supremo paroxismo de emoção humana, quer de prazer quer de dor, reterá uma certa atmosfera ou conexão passível de comunicar-se a uma mente sensitiva. Quando falo de uma mente sensitiva, não me refiro a uma mente anormal, mas a uma mente educada e cultivada como a sua ou como a minha.

– Quer dizer, por exemplo, que se eu dormisse junto àquela velha espada pendurada na parede, poderia sonhar com algum incidente sangrento em que essa mesma espada tivesse participado?

– Um excelente exemplo, já que, por sinal, essa espada foi usada por mim dessa maneira, e eu vi em meu sono a morte do seu dono. Ele pereceu numa breve escaramuça, que não me foi dado identificar, mas que ocorreu ao tempo das guerras dos frondistas. Pensando bem, algumas das usanças populares são a prova de que o fato já era conhecido dos nossos ancestrais, ainda que nós, em nossa sapiência, o classifiquemos entre as superstições.

– Por exemplo?

– Por exemplo, colocar um bolo de noiva sob a cama para provocar no ocupante sonhos agradáveis. É um dos muitos exemplos que o senhor encontrará citados numa pequena memória que estou escrevendo sobre o assunto. Mas, voltando ao ponto, uma noite eu dormi com esse funil perto de mim e tive um sonho que sem dúvida lança uma luz bem singular sobre o seu uso e origem.

– Como foi esse sonho?

– Sonhei... – Ele interrompeu-se e uma expressão intensamente interessada surgiu-lhe nas feições massudas. – Por Júpiter, é uma grande ideia. Será uma experiência sobremodo interessante. O senhor é um excelente paciente psíquico, com nervos que respondem prontamente a qualquer estímulo.

– Nunca me pus à prova nesse campo.

– Vamos prová-lo hoje. Posso pedir-lhe como um favor especial que, ao ocupar esta noite esse sofá, durma com esse velho funil junto à sua cabeceira?

O pedido pareceu-me grotesco; mas eu mesmo, em minha complexa natureza, tenho uma grande inclinação para tudo que é fantástico e incomum. Não acreditava nem um pouco na teoria de Dacre, nem esperava resultados da tal experiência; ainda assim, divertia-me prestar-me a ela. Dacre, com muita gravidade, puxou uma mesinha para junto do sofá e colocou o funil sobre ela. Conversamos mais um pouco, depois ele me desejou boa noite e deixou-me.

Por algum tempo fiquei sentado a fumar junto ao fogo lento da lareira, repassando em pensamento o curioso tema da conversa, e a estranha experiência que possivelmente me aguardava. Por cético que eu fosse, havia algo impressionante na segurança de Dacre, e o ambiente extravagante que me rodeava, aquela enorme sala, aqueles objetos heteróclitos e não raro sinistros dispostos ao redor incutiam-me na alma um sentimento de solenidade. Por fim despi-me, apaguei a candeia e me deitei. Depois de muito remexer-me, adormeci.

Tentarei descrever com a máxima fidelidade possível a cena que me veio em meus sonhos. Ela se conserva ainda hoje em minha memória mais claramente do que qualquer coisa que eu tenha visto com meus olhos despertos.

Era um aposento que tinha a aparência de uma cripta. Quatro rins partindo dos cantos subiam para juntar-se numa abóbada pontuda. A arquitetura era tosca mas robusta. Evidentemente fazia parte de um grande edifício.

Três homens de preto, com curiosos chapéus de veludo negro de grandes copas, estavam sentados em linha sobre um estrado atapetado de vermelho. Seus rostos eram tristes e solenes. À esquerda, de pé, dois homens

em túnicas longas sobraçavam pastas que pareciam recheadas de papéis. À direita, olhando para mim, uma mulher pequena, de cabelos louros e olhos singulares, azuis-claros – olhos de criança. Já passara da primeira juventude, mas não podia ainda dizer-se de meia-idade. Seu talhe tendia à corpulência e seu porte era orgulhoso e confiante. O rosto estava pálido mas sereno. Era um rosto estranho, bonito mas felino, com um quê sutil de crueldade na boca pequena, reta e firme e no queixo arredondado. Estava envolvida numa espécie de camisolão branco, comprido e solto. Ao lado dela um padre magro e ansioso, que continuamente erguia um crucifixo diante dela. Ela voltou a cabeça e encarou fixamente, para além do crucifixo, os três homens de negro, que eram, pressenti, os seus juízes.

Enquanto eu olhava espantado, os três homens puseram-se de pé e disseram qualquer coisa, mas eu não pude distinguir palavras, embora percebesse que era o do centro que falava. Depois retiraram-se majestosamente, acompanhados dos dois com papéis. No mesmo instante vários indivíduos de aspecto rude, vestindo grossos gibões, entraram azafamadamente e removeram primeiro o tapete vermelho, depois as tábuas que formavam o estrado, de modo a desimpedir por completo o recinto. Retirado aquele anteparo, vi algumas singulares peças de mobília atrás dele. Uma parecia uma cama, com rolos de madeira em cada extremidade e uma manivela para regular-lhe o comprimento. Outra era um cavalo de madeira. Havia vários outros objetos esquisitos, e diversas cordas penduradas que passavam em polias. Não era muito diferente de um moderno ginásio.

Depois que a sala foi esvaziada, uma nova figura apareceu em cena. Era um homem alto e magro, todo vestido de negro, com uma face austera e descarnada. O aspecto dele fez-me estremecer. Sua roupa era lustrosa de graxa e pintalgada de manchas. Portava-se com dignidade lenta e impressionante, como se a partir de sua entrada assumisse o controle de tudo. Apesar da aparência rude e da sórdida indumentária, era agora a sua alçada, a sua sala, o seu comando. No antebraço esquerdo ele trazia um feixe de cordas finas. A dama olhou-o de alto a baixo com um olhar indagador, mas sua expressão se manteve inalterada. Confiante – desafiadora mesmo. Com o padre se passava coisa bem diversa. Seu rosto estava mortalmente branco, e eu vi a umidade brilhar e escorrer em sua testa alta e fugidia. Ele levantou as mãos em oração e continuamente se inclinava para murmurar palavras agitadas ao ouvido da mulher.

O homem de negro adiantou-se e, tomando uma das cordas do braço esquerdo, amarrou as mãos da mulher. Ela as manteve docilmente estendidas para ele enquanto ele o fazia. Em seguida ele agarrou-lhe o braço com uma preensão brutal e a conduziu em direção ao cavalo de madeira, que era pouco mais alto que a cintura dela. Ela foi erguida e deitada sobre o cavalo, o rosto voltado para o teto, enquanto o padre, trêmulo de horror, se precipitava para fora da sala. Os lábios da mulher moviam-se rapidamente, e embora nada ouvisse eu sabia que ela estava orando. Seus pés pendiam de cada lado do cavalo, e eu vi que os labregos que serviam de ajudantes tinham amarrado cordas aos seus tornozelos e prendido as outras pontas a argolas de ferro chumbadas ao piso de pedra.

Meu coração confrangeu-se dentro de mim quando vi esses preparativos ominosos, mas ainda assim a fascinação do horror me pregava no lugar, e eu não conseguia desviar os olhos do insólito espetáculo. Um homem entrou na sala com um balde de água em cada mão. Um outro o seguia com um terceiro balde. Os baldes foram colocados ao lado do cavalo de madeira. O segundo homem tinha na outra mão um colherão de pau – uma concha com um cabo reto – e entregou-a ao homem de negro. Ao mesmo tempo um dos ajudantes aproximou-se trazendo um objeto escuro, que mesmo no meu sonho inspirou-me uma vaga impressão de familiaridade. Era um funil de couro. Com horrível violência ele o introduziu... mas eu não pude mais suportar. Meus cabelos se eriçaram de horror. Contorci-me, debati-me, rompi os laços do sono e emergi com um grito na minha própria vida, e dei comigo deitado e tremendo de terror na enorme biblioteca, com o luar jorrando através da janela e projetando estranhos arabescos negros e prateados na parede oposta. Ah! que abençoado alívio sentir-me de volta ao século dezenove – sair de um subterrâneo medieval para um mundo em que os homens tinham no peito corações humanos. Sentei-me no sofá, tremendo em todo o corpo, a mente dividida entre o horror e a gratidão. Pensar que coisas como aquela tinham sido praticadas – que *pudessem* sê-lo sem que Deus fulminasse os celerados! Seria tudo uma fantasia, ou representava realmente algo que acontecera em dias negros e cruéis da história do mundo? Enterrei a cabeça latejante nas mãos trêmulas. E então, de repente, meu coração pareceu parar no peito, e eu não consegui sequer gritar, tamanho era o meu terror. Alguma coisa avançava para mim na escuridão da sala.

É um horror seguindo outro horror que quebra o espírito de um homem. Eu não podia refletir, não podia orar; tudo que podia era ficar sentado como uma imagem congelada e fitar o vulto escuro que se aproximava pela grande galeria. Então ele penetrou no feixe de luar, e eu voltei a respirar. Era Dacre, e sua fisionomia revelava que ele estava tão assustado quanto eu.

– Foi o senhor? Pelo amor de Deus, o que houve? – perguntou ele em voz rouca.

– Puxa, Dacre, que prazer vê-lo! Estive no inferno. Foi horrível.

– Então foi o senhor quem gritou?

– Suponho que sim.

– Ecoou na casa inteira. Os criados estão apavorados. – Ele riscou um fósforo e acendeu a candeia. – Acho que podemos reacender o fogo – acrescentou, atirando algumas achas sobre as brasas. – Bom Deus, meu caro amigo, como está pálido! Parece que viu um fantasma.

– E vi... Vários.

– Então o funil de couro funcionou?

– Eu não dormiria outra vez perto dessa coisa infernal por todo o dinheiro que o senhor me pudesse oferecer.

Dacre deu uma risada.

– Imaginei que teria uma noite animada – disse. – E o senhor tirou a sua desforra, pois o seu grito não foi um som muito agradável de se ouvir às duas da manhã. Suponho, pelo que me diz, que viu a coisa toda.

– Que coisa?

– A tortura da água – a “Inquirição Extraordinária”, como era chamada nos alegres dias de “Le Roi Soleil”. Conseguiu aguentar até o fim?

– Não, graças a Deus, acordei antes mesmo que começasse propriamente.

– Ah! Tanto melhor para o senhor. Eu aguentei até o terceiro balde. Bem, é uma velha história, e agora estão todos em suas covas; seja como for, portanto, que diferença faz a maneira como lá chegaram? O senhor provavelmente não faz ideia do que era o que viu?

– A tortura de alguma criminosa. Deve ter sido uma terrível malfeitosa, se os seus crimes foram proporcionais ao castigo.

– Bem, temos esse pequeno consolo – disse Dacre, traçando o roupão em volta do corpo e curvando-se para mais perto do fogo. – Eles *foram* proporcionais ao castigo. Isto é, se estou certo quanto à identidade da dama.

– Como é possível que conheça a sua identidade?

Em resposta, Dacre apanhou de uma prateleira um velho volume encadernado em velino.

– Ouça isto. Está em francês do século XVII, mas eu irei traduzindo aproximadamente à medida que leio. O senhor julgará por si mesmo se eu decifrei ou não o enigma.

“A prisioneira foi levada perante as Grands Chambres e Tournelles do Parlamento, reunidas como corte de justiça, acusada de ter assassinado M. Dreux d’Aubray, seu pai, e seus dois irmãos MM. d’Aubray, um deles, lugar-tenente civil, o outro, conselheiro do Parlamento. Vendo-a em pessoa, era difícil acreditar que ela tivesse realmente cometido esses atos perversos, pois era de aparência frágil e estatura pequena, tinha a pele clara e os olhos azuis. Ainda assim o tribunal, julgando-a culpada, condenou-a à inquirição ordinária e à extraordinária para forçá-la a apontar os seus cúmplices, após o que ela seria conduzida em carreta à Place de Grève para lá ser decapitada, devendo em seguida o corpo ser queimado e suas cinzas espalhadas ao vento.

“A data deste assentamento é 16 de julho de 1676.”

– Interessante – disse eu –, mas não conclusivo. Como prova que as duas mulheres eram a mesma?

– Já chego lá. A narrativa prossegue falando do comportamento da mulher ao ser inquirida. “Quando o verdugo se aproximou, ela o reconheceu pelas cordas que ele trazia nas mãos, e prontamente estendeu-lhe as suas próprias, olhando-o de alto a baixo sem dizer palavra.” Que tal?

– Sim, foi como aconteceu.

– “Ela fitou imperturbável o cavalo de madeira e as argolas que haviam torcido tantos membros e arrancado tantos gritos de agonia. Ao dar com os olhos nos três baldes de água preparados para ela, disse sorrindo: ‘Toda esta água deve ter sido trazida com o fim de me afogar, *monsieur*. O senhor não imagina, espero, obrigar uma pessoa pequena como eu a engoli-la toda’.” Quer que eu leia os pormenores da tortura?

– Não, pelo amor de Deus!

– Cá está uma frase que certamente há de demonstrar-lhe que o que aqui se encontra registrado foi exatamente a cena a que o senhor assistiu esta noite: “O bom Abbé Pirot, incapaz de contemplar os sofrimentos infligidos à sua penitente, fugira apressadamente do recinto”. Isto o convence?

– Completamente. Não cabe dúvida de que se trata dos mesmos fatos. Mas quem foi afinal essa dama de aspecto tão atraente e que teve um fim tão horrível?

Em resposta Dacre chegou-se a mim e colocou a candeia sobre a mesa junto à minha cama. Levantando o malfadado funil, voltou o aro de latão de modo que a luz incidisse em cheio sobre ele. Dessa forma, a inscrição era mais claramente visível do que o fora na noite da véspera.

– Já concordamos em que isto seja a insígnia de um marquês ou de uma marquesa – disse ele. – Também estabelecemos que a última letra é um B.

– Sim, não há dúvida.

– Agora eu lhe sugiro que as outras letras, da esquerda para a direita, são M, M, um d minúsculo, A, outro d minúsculo, e então vem o B final.

– Sim, estou certo de que tem razão. Vejo os dois dês minúsculos distintamente.

– O que acabo de ler-lhe – disse Dacre – é o registro oficial do julgamento de Marie Madeleine d’Aubray, Marquesa de Brinvilliers, uma das mais célebres envenenadoras e assassinas de todos os tempos.

Quedei sentado em silêncio, assoberbado pela extraordinária natureza do episódio, e ante as provas cabais com que Dacre expusera o seu verdadeiro significado. De um modo vago vieram-me à lembrança alguns detalhes da história da mulher, sua devassidão desenfreada, a prolongada tortura do pai doente praticada a sangue-frio, o assassinato dos irmãos por motivo de mesquinhos interesses. Lembrei-me também de que a bravura do seu fim fizera algo por redimir o horror da sua vida, e de que Paris em peso se apiedara dela em seus últimos momentos e a bendissera como a uma mártir dias depois de tê-la amaldiçoado como assassina. Uma objeção, e apenas uma, ocorreu-me ao pensamento.

– Por que as suas iniciais e o seu distintivo no funil? Certamente a reverência medieval à nobreza não ia ao ponto de decorarem instrumentos de tortura com seus títulos.

– Também a mim esta questão intrigou – disse Dacre. – Mas ela admite uma explicação simples. O caso excitou enorme interesse na época, e nada mais natural que La Reynie, o chefe de polícia, conservasse o funil como um sinistro souvenir. Não era comum que uma marquesa da França sofresse a inquirição extraordinária. Que ele gravasse na peça as iniciais para

informação de outros seria da parte dele um procedimento perfeitamente explicável.

– E isto? – perguntei, apontando as marcas no bico do funil.

– Ela era uma tigresa feroz – disse Dacre, voltando-se para sair. – Parece-me evidente que, como outras tigresas, ela tivesse dentes fortes e aguçados.



A NOVA CATACUMBA

— **O**lhe aqui, Burger – disse Kennedy –, francamente, eu gostaria que você confiasse mais em mim.

Os dois famosos pesquisadores da antiguidade romana estavam sentados no confortável aposento de Kennedy, que dava para o Corso. A noite estava fria, e os dois tinham puxado suas cadeiras para junto da precária estufa italiana, que irradiava uma zona mais de abafamento que de calor. Lá fora, sob o vivo fulgor das estrelas hibernais, estendia-se a Roma moderna, o longo cordão duplo de lâmpadas elétricas, os cafés brilhantemente iluminados, as carruagens velozes e a densa multidão das calçadas. Mas aqui dentro, no suntuoso salão do jovem e rico arqueólogo inglês, só havia para ver a Roma antiga. Frisos lascados e gastos pelo tempo pendiam ao longo das paredes, velhos bustos cinzentos de senadores e soldados com suas cabeças pugnazes e rostos duros e cruéis espiavam dos cantos. Na mesa de centro, entre uma mixórdia de inscrições, ornatos e fragmentos, via-se a famosa reconstituição feita por Kennedy dos Banhos de Caracala, que tanto interesse e admiração excitara quando exposta em Berlim. Havia ânforas pendentes do teto e uma confusão de curiosidades juncava o rico tapete turco vermelho. De tudo aquilo não havia uma só peça que não fosse da mais inatacável autenticidade, e de extraordinária raridade e valor; pois Kennedy, embora com pouco mais de trinta anos, era altamente reputado em toda a Europa naquele ramo particular de pesquisa, e, além do mais, era provido dos meios de fortuna que representam para as energias de um estudioso, ou um entrave fatal, ou, se ele se conserva fiel ao seu

propósito, uma enorme vantagem na corrida pela fama. Não poucas vezes fora Kennedy tentado a esquecer os seus estudos pela sedução de caprichos e prazeres; mas ele tinha uma mente incisiva, capaz de aturada e concentrada aplicação, que culminava em intensas reações de voluptuoso langor. Seu rosto agradável, com a fronte alta e branca, o nariz agressivo e a boca um tanto mole e sensual, fornecia um bom indício da combinação de força e fraqueza que marcava o seu caráter.

Seu companheiro, Julius Burger, era um tipo totalmente diferente. Era fruto de uma mistura curiosa, pai alemão e mãe italiana, com as rijas qualidades do Norte estranhamente mescladas às graças mais amenas do Sul. Os olhos azuis teutônicos iluminavam-lhe a face queimada de sol, e acima deles avultava uma testa maciça e quadrada, emoldurada numa franja de cabelos curtos e louros. O queixo forte e firme era cuidadosamente escanhado, e seu companheiro observava com frequência o quanto ele lembrava aqueles velhos bustos romanos que espreitavam das sombras nos cantos do salão. Sob o seu rude vigor germânico apontava sempre um toque da sutileza italiana, mas o sorriso era tão espontâneo, o olhar tão franco, que fazia perceber ser aquilo apenas uma indicação das suas raízes, sem verdadeira relação com seu caráter. Em idade e renome ele ocupava o mesmo plano do seu confrade inglês, mas sua vida e seu trabalho tinham sido ambos bem mais árduos. Doze anos antes ele chegara a Roma como estudante pobre, e vivera desde então de uma modesta dotação para pesquisas que lhe fora concedida pela Universidade de Bonn. Lenta, penosa e obstinadamente, com incrível pertinácia e persistência, ele subira degrau por degrau a escada da fama. Agora era membro da Academia de Berlim, e tudo indicava que em breve ascenderia à cátedra na maior das universidades alemãs. Mas a unicidade de propósito que o alçara em seu trabalho ao mesmo alto nível do rico e brilhante bretão fizera com que em tudo mais ele se conservasse infinitamente inferior ao outro. Seus estudos nunca lhe tinham deixado lazeres em que cultivar as amenidades sociais. Era só quando falava do seu próprio assunto que seu rosto se enchia de vida e animação. Fora disso mantinha-se calado e contrafeito, cômico de suas limitações em temas mais amplos, e impaciente com as frivolidades que são o refúgio habitual dos que não têm ideias a expressar.

Ainda assim, datava de alguns anos aquela convivência, que parecia aos poucos amadurecer para uma autêntica amizade entre aqueles dois rivais

tão diferentes. A base e origem disso era o fato de que em seu campo de estudo cada qual era o único entre os homens mais jovens com conhecimento e entusiasmo bastante para apreciar devidamente o outro. Seus interesses e empenhos comuns os tinham reunido, e cada um fora atraído pela competência do outro. Depois, gradualmente, algo mais se acrescentara a isso. Kennedy deixara-se encantar pela franqueza e simplicidade do seu competidor, enquanto Burger a seu turno se sentira fascinado pela vivacidade e brilhantismo que tinham feito Kennedy tão popular na sociedade romana. Digo “tinham” porque no momento a estrela do jovem inglês andava um tanto ofuscada. Um caso de amor, cujos detalhes não chegaram a ser muito claros, revelara de sua parte uma frieza e insensibilidade que chocara muitos dentre os seus amigos. Mas nos círculos solteiros de estudiosos e artistas que ele preferia frequentar não havia um código de honra muito rígido em tais matérias, e embora aqui e ali alguém pudesse balançar a cabeça ou encolher os ombros ante a fuga de dois e o retorno de um só, o sentimento geral era provavelmente de curiosidade e possivelmente de inveja, mais que de reprovação.

– Olhe aqui, Burger – disse Kennedy, encarando com firmeza o rosto plácido do companheiro –, francamente, eu gostaria que você confiasse mais em mim.

Assim falando, ele apontava um tapete estendido no chão. Sobre o tapete estava uma cesta comprida e rasa, feita de fino vime trançado, do tipo usado para frutas na Campagna, e amontoada nela uma miscelânea de objetos – ladrilhos com inscrições, tabuletas partidas, mosaicos trincados, farrapos de papiro, ornatos metálicos enferrujados – que para o não iniciado teriam parecido despejados de uma lata de lixo, mas que um especialista reconheceria prontamente como únicos em seu gênero. Aquela pilha de detritos na cesta de frutas supria nada menos que um desses elos perdidos da evolução social que tanto interesse despertam no pesquisador. Fora o alemão quem os trouxera, e os olhos do inglês fitavam-nos com avidez.

– Eu não vou me intrometer com o seu tesouro, mas gostaria muito de ouvir a respeito – prosseguiu ele, enquanto Burger calmamente acendia um charuto. – É, evidentemente, uma descoberta da máxima importância. Essas inscrições vão fazer sensação em toda a Europa.

– Para cada um destes aqui há um milhão lá! – disse o alemão. – São tantos que uma dúzia de sábios poderia passar a vida inteira em cima deles,

e ganhar uma reputação tão sólida quanto o castelo de Santo Ângelo.

Kennedy ficou pensativo, com um vinco na sua bela testa e a repuxar com os dedos os elegantes bigodes.

– Você se traiu, Burger! – disse por fim. – Suas palavras só podem significar uma coisa. Você descobriu uma nova catacumba.

– Pensei que você já tivesse chegado a essa conclusão há mais tempo, vendo essas peças.

– Sim, na verdade era o que elas pareciam indicar, mas as suas últimas observações deram-me a certeza. Não há lugar, exceto uma catacumba, que possa conter um acervo tão vasto de relíquias como o que você descreve.

– Exato. Não há nenhum mistério nisso. Eu *descobri* uma nova catacumba.

– Onde?

– Ah! este sim é o meu segredo, meu caro Kennedy. Tudo que lhe digo é que a sua localização é tal que não há uma probabilidade em um milhão de alguém mais vir a dar com ela. É de uma data diferente da de qualquer outra catacumba conhecida, e foi reservada para o sepultamento dos cristãos mais ilustres, de modo que os despojos e relíquias são completamente diferentes de tudo o que já foi visto antes. Se não conhecesse a sua competência e a sua energia, meu amigo, eu não hesitaria em, sob penhor de sigilo, contar-lhe tudo a respeito. Mas, sendo as coisas como são, creio que devo preparar a minha comunicação antes de me expor a tão temível concorrência.

Kennedy amava o seu ofício com um amor que era quase uma mania – um amor que o mantinha fiel a ele em meio às distrações que assediam um jovem rico e dissipado. Tinha ambição, mas a ambição vinha depois do puro prazer e interesse abstratos que sentia em tudo que tocava à vida antiga e à história da cidade. Ardia por ver com os próprios olhos aquele novo mundo subterrâneo que o colega descobriria.

– Ouça, Burger – disse ele gravemente –, eu lhe dou minha palavra que você pode confiar em mim irrestritamente nesse assunto. Nada me induziria a pôr no papel o que quer que eu visse, sem a sua expressa permissão. Compreendo perfeitamente a sua atitude, e a considero mais que natural, mas de minha parte você não tem nada a recear. Por outro lado, se você não me disser, farei uma pesquisa sistemática e com toda a certeza acabarei por descobrir a coisa. Neste caso, é claro, farei dela o uso que bem entender, pois então não terei com você compromisso algum.

Burger sorriu reflexivamente por sobre o charuto.

– Tenho notado, amigo Kennedy – disse –, que quando peço uma informação sobre algum ponto, você nem sempre se mostra muito disposto a prestá-la.

– Quando foi que você me perguntou alguma coisa e eu não lhe respondi? Lembre-se, por exemplo, do material que eu lhe cedi para o seu trabalho sobre o templo das vestais.

– Ora, aquilo era coisa de somenos. Se eu o tivesse consultado sobre algo pessoal, duvido que me respondesse. Essa nova catacumba é para mim um assunto muito pessoal, e eu certamente esperaria um sinal de confiança em troca.

– Não percebo bem aonde quer chegar – disse o inglês. – Se isso quer dizer que você responderia à minha pergunta sobre a catacumba se eu respondesse a qualquer pergunta sua, digo-lhe que estou de pleno acordo.

– Muito bem – disse Burger, recostando-se na poltrona e soprando para o alto uma nuvem azul de fumaça de charuto. – Fale-me das suas relações com *Miss Mary Saunderson*.

Kennedy saltou na cadeira e fuzilou um olhar irritado sobre o seu impassível companheiro.

– Que diabo está dizendo? – gritou. – Isto é pergunta que se faça? Deve ser uma piada, mas é a pior que você já inventou.

– Não, não é piada – disse Burger com simplicidade. – Eu estou realmente interessado nos pormenores do caso. Sei muito pouco sobre o mundo, sobre as mulheres, sobre a vida em sociedade e coisas que tais, e um episódio como esse tem para mim a fascinação do desconhecido. Eu conheço você, e a conheci de vista, cheguei mesmo a falar-lhe uma ou duas vezes. Gostaria muito de ouvir da sua própria boca o que houve exatamente entre vocês.

– Não lhe direi uma só palavra.

– Tudo bem. Foi apenas uma fantasia para ver se você se dispunha a revelar um segredo tão facilmente quanto esperava que eu revelasse o meu sobre a nova catacumba. Você não o faria, e nem eu esperava que o fizesse. Por que pensar que fosse diferente comigo? O relógio de São João está batendo as dez. É hora de ir para casa.

– Não, espere um pouco, Burger – disse Kennedy. – Francamente, é um capricho ridículo de sua parte querer saber sobre um velho caso de amor que

acabou há meses. Você sabe que um homem que fala dessas coisas é considerado um grande canalha e o pior dos vilões.

– Certo – disse o alemão, apanhando a sua cesta de curiosidades. – Se se fala de uma moça até então desconhecida, deve ser assim. Mas, neste caso, veja bem, foi um assunto público, que Roma inteira comentou, e assim você não estaria causando a *Miss Saunderson* nenhum mal comentando o caso comigo. Seja como for, respeito os seus escrúpulos e, portanto, boa noite!

– Espere um pouco, Burger – disse Kennedy, pousando a mão no braço do outro. – Esse negócio da catacumba me interessa muitíssimo, e eu não vou desistir tão facilmente. Que tal perguntar-me alguma outra coisa – algo não tão excêntrico desta vez?

– Não, não; você recusou, é assunto encerrado – disse Burger, com a cesta no braço. – É claro que tem toda a razão em não querer responder, e é claro que eu também tenho. Mais uma vez, meu caro Kennedy, boa noite!

O inglês ficou olhando Burger cruzar a sala, e este já tinha a mão na maçaneta quando o seu anfitrião saltou de pé com o ar de quem se conforma com o que não tem remédio.

– Espere aí, meu velho – disse. – Acho que você está se comportando de modo ridículo; mas, já que é esta a sua condição, acho que tenho de submeter-me. Detesto dizer qualquer coisa sobre uma mulher, mas, como você disse, Roma inteira está a par da história, e eu não creio que possa contar-lhe algo que você já não saiba. O que é que quer saber?

O alemão voltou para junto da estufa e, depondo a cesta, afundou-se outra vez na cadeira.

– Pode ceder-me outro charuto? – disse. – Muito obrigado! Eu nunca fumo quando trabalho, mas aprecio muito mais uma conversação quando estou sob a influência do tabaco. Agora, no que toca a essa jovem com quem você teve a sua pequena aventura. Que fim levou ela?

– Está em casa com a família.

– Ah, é mesmo? Na Inglaterra?

– É.

– Que parte da Inglaterra? Londres?

– Não. Twickenham.

– Você deve desculpar a minha curiosidade, meu caro Kennedy, e deve levá-la à conta da minha ignorância do mundo. Deve ser uma coisa bastante

simples convencer uma mocinha a sair por aí com você durante três semanas e depois devolvê-la à família em... como é mesmo o nome do lugar?

– Twickenham.

– Sim... Twickenham. Mas é algo tão estranho à minha experiência que eu não posso sequer imaginar como você o consegue. Por exemplo, se você amasse a moça, dificilmente o seu amor acabaria em três semanas, portanto presumo que não a amava em absoluto. Mas, se você não a amava, por que fazer aquele grande escândalo que o prejudicou e arruinou a vida dela?

Kennedy fitou, mal-humorado, o olho vermelho da estufa.

– É uma maneira lógica de encarar a coisa, sem dúvida – disse ele. – Amor é uma palavra altissonante e representa uma porção de diferentes gradações de sentimento. Eu gostava dela, e – bem, você diz que a viu – sabe como ela era atraente. Mas ainda assim confesso, em sã consciência, olhando em retrospecto, que nunca poderia tê-la amado realmente.

– Então, meu caro Kennedy, por que o fez?

– A aventura da coisa teve um papel importante.

– O quê! Então você gosta tanto assim de aventuras!

– Sem elas, onde estaria o colorido da vida? Foi a título de uma aventura que comecei a fazer-lhe a corte. Houve tempo em que me dediquei bastante a caçar bichos no mato, mas não há caça que se compare à de uma mulher bonita. Houve também a provocante dificuldade da coisa, pois, sendo ela a dama de companhia de Lady Emily Rood, era quase impossível encontrá-la a sós. E para coroar todos os obstáculos que me atraíam, eu soube por ela mesma, logo de princípio, que ela estava noiva.

– *Mein Gott!* De quem?

– Ela não citou nomes.

– Não creio que alguém mais saiba disso. Então isso tornou a aventura mais excitante, não é mesmo?

– Bem, sem dúvida deu-lhe um certo tempero. Não concorda?

– Já lhe disse que não entendo nada dessas coisas.

– Meu caro amigo, você deve lembrar-se de que a maçã que você furtava da macieira do vizinho era sempre mais doce do que a que caía da sua. E então eu descobri que ela caíra por mim.

– O quê... Tão depressa?

– Ah, não, levei bem uns três meses minando e solapando. Mas por fim a conquistei. Ela entendeu que a minha separação judicial de minha esposa

me tornava impossível fazer com ela o que seria o direito – mas concordou mesmo assim, e nos divertimos à grande, enquanto durou.

– E o outro?

Kennedy deu de ombros.

– Acho que é uma questão de sobrevivência do mais apto. Se ele fosse o melhor, ela não o teria abandonado. Vamos mudar de assunto, que já estou farto de tudo isso!

– Só mais uma coisa. Como foi que você se livrou dela ao fim das três semanas?

– Bem, nós dois já tínhamos esfriado um tanto, você entende. Ela se recusou terminantemente, sob quaisquer circunstâncias, a voltar e enfrentar as pessoas que conhecera em Roma. Ora, é claro, Roma me é necessária, e eu já estava aflito por retomar o meu trabalho – este, por si, já era um motivo óbvio para a separação. Mas houve mais. O pai dela apareceu no hotel em Londres, e houve uma cena. A coisa toda se tornou tão desagradável que, para dizer a verdade – embora no começo eu sentisse terrivelmente a sua falta – fiquei bem feliz de escapulir-me. Mas, olhe, prometa-me que não vai repetir nada do que eu lhe disse.

– Mas caro Kennedy, isso nem me passaria pela cabeça. Mas tudo que você disse me interessa muito, pois me faz entender o seu modo de encarar as coisas, que é inteiramente diverso do meu, visto que eu conheço tão pouco a vida. E agora você quer saber da minha nova catacumba. Não adianta tentar descrevê-la, pois desse modo você nunca a encontraria. Só há uma coisa a fazer, que é levá-lo comigo.

– Ótimo.

– Quando quer ir?

– Quanto mais cedo melhor. Estou impaciente por vê-la.

– Bem, está uma linda noite – embora um pouco fria. Que tal sairmos daqui a uma hora? Temos de tomar muito cuidado para que fique tudo entre nós. Se alguém nos visse a perambular juntos, suspeitaria de haver algo acontecendo.

– Todo cuidado é pouco – disse Kennedy. – É longe?

– Algumas milhas.

– Não é muito para ir a pé?

– Oh, não, é uma caminhada fácil.

– Então é o melhor. Um cocheiro poderia ficar desconfiado se nos deixasse aos dois num lugar isolado no meio da noite.

– Exato. Acho que o melhor é nos encontrarmos na Porta da Via Ápia, à meia-noite. Tenho de voltar ao meu alojamento para buscar fósforos, velas e outras coisas.

– Combinado, Burger! É muita bondade sua mostrar-me o seu segredo, e eu prometo que nada escreverei a respeito antes que você tenha publicado a sua comunicação. Até já! Estarei na Porta às doze.

O ar frio e cristalino estava cheio das melodiosas badaladas daquela cidade de relógios quando Burger, embrulhado numa capa italiana e carregando na mão uma lanterna, partiu para o encontro. Kennedy surgiu das sombras para juntar-se a ele.

– Você é tão ardoroso no trabalho quanto no amor! – disse rindo o alemão.

– É verdade. Estou esperando aqui há quase meia hora.

– Tem certeza de que não deixou nenhuma pista de onde estamos indo?

– Nem por sombras! Caramba, estou gelado até os ossos! Vamos, Burger, vamos aquecer-nos com uma boa arrancada.

O som dos passos era alto e seco no pavimento de pedras desiguais da decepcionante trilha que foi tudo que restou da mais célebre estrada do mundo. Um ou dois campônios de volta da taberna, e algumas carroças de hortaliças rumando para Roma, foi tudo que encontraram no caminho. Marchavam a grandes pernadas, com as enormes tumbas avultando no escuro a cada lado, até alcançarem as catacumbas de São Calisto, e contra a lua nascente avistaram adiante o grande baluarte circular de Cecília Metella. Então Burger parou, com a mão sobre o lado.

– Suas pernas são mais compridas que as minhas, e você está mais acostumado a caminhar – disse ele rindo. – Acho que o lugar de virar é por aqui. Sim, ali está, depois da esquina da trattoria. Olhe, é um caminho muito estreito, por isso é melhor eu ir na frente e você me acompanhar.

Ele acendera a lanterna, e a luz lhes permitia orientar-se por um trilho estreito e tortuoso que serpenteava entre os charcos da Campagna. O grande Aqueduto da Roma antiga atravessava como uma lagarta monstruosa a paisagem banhada de luar, e a vereda conduziu-os por sob um dos gigantescos arcos e para além do cinto de tijolos derruídos que assinala a

velha arena. Por fim Burger parou à porta de um estábulo e tirou do bolso uma chave.

– Não me diga que a sua catacumba fica dentro de uma casa! – exclamou Kennedy.

– A entrada fica. É justamente a garantia que temos de que ninguém mais a descobrirá.

– O proprietário sabe disso?

– Não. Ele tinha encontrado um ou dois objetos que me deram a quase certeza de que a casa foi construída na entrada de um lugar dessa espécie. Então aluguei-a e fiz minhas escavações sozinho. Entre, e feche a porta.

Era uma construção comprida e vazia, com manjedouras ao longo de uma das paredes. Burger pousou a lanterna no chão e cobriu-a com a capa, tapando a luz em todas as direções, menos uma.

– Poderia chamar atenção se alguém visse uma luz neste lugar retirado – disse ele. – Ajude-me a remover estas tábuas.

O assoalho estava solto num canto e, uma a uma, os dois sábios ergueram as pranchas e as encostaram à parede. Embaixo havia uma abertura quadrada e uma escada de velhos degraus de pedra que mergulhava nas entranhas da terra.

– Cuidado! – exclamou Burger, quando Kennedy, em sua impaciência, se precipitava escada abaixo. – Lá embaixo é uma verdadeira coelheira, e se você errar o caminho uma única vez as probabilidades são de cem contra uma que consiga sair novamente. Espere até que eu leve a luz.

– Como é que você encontra o caminho, se é tão complicado?

– No começo, por mais de uma vez quase me perdi, mas aos poucos aprendi a orientar-me. Existe um certo sistema, mas para um homem perdido no escuro não seria possível descobri-lo. Mesmo agora eu sempre estendo um novelo de fio atrás de mim quando me aprofundo na catacumba. Você pode ver que é difícil, pois cada uma das passagens se divide e subdivide uma dúzia de vezes antes que você ande cem jardas.

Tinham descido uns vinte pés abaixo do nível do estábulo, e estavam agora numa câmara quadrada cavada no tufo brando. A lanterna projetava uma luz bruxuleante, viva embaixo e fraca em cima, nas paredes pardas fendilhadas. Em todas as direções viam-se as negras aberturas de passagens que irradiavam daquele centro comum.

– Fique bem atrás de mim, meu amigo – disse Burger. – Não se atrase olhando qualquer coisa no caminho, pois o lugar onde vou levá-lo contém tudo que você possa ver, e mais ainda. Ganharemos tempo indo lá diretamente.

Enveredou por um dos corredores e o inglês seguiu nos seus calcanhares. A cada instante a passagem se bifurcava, mas Burger evidentemente seguia marcas secretas feitas por ele, pois não parava nem hesitava. Por toda parte ao longo das paredes, empilhados como em beliches de um navio de emigrantes, jaziam os cristãos da Roma antiga. A luz amarelada dançava nas feições engelhadas das múmias e produzia reflexos em crânios redondos e em cúbitos brancos cruzados sobre peitos descarnados. E por toda parte onde passava, Kennedy olhava com olhos cobiçosos para urnas funerárias, inscrições, pinturas, vestimentas, utensílios, tudo disposto como mãos piedosas haviam arrumado séculos atrás. Era evidente para ele, mesmo naqueles vislumbres passageiros, que aquela era a mais antiga e mais rica das catacumbas, encerrando um tesouro de relíquias romanas como nunca dantes se oferecera de uma só vez à observação de um pesquisador.

– E se a luz apagasse? – perguntou ele enquanto avançavam apressadamente.

– Trago uma vela de reserva e uma caixa de fósforos no bolso. Por falar nisso, Kennedy, você tem fósforos?

– Não. Seria bom você me dar alguns dos seus.

– Ora, não há problema. Não vamos nos separar.

– Falta muito? Tenho a impressão de que já andamos mais de um quarto de milha.

– Mais que isso, creio. Ao que parece essas tumbas não têm fim. Pelo menos eu nunca o encontrei. Este agora é um trecho muito difícil. Acho que vou usar o meu novelo.

Prendeu a ponta do fio a uma pedra saliente e pôs o novelo no bolso do peito do casaco, dando-lhe folga à medida que avançava. Kennedy viu que a precaução era justificada, pois as passagens se tinham tornado mais complexas e tortuosas do que nunca, numa verdadeira teia de corredores entrecruzados. Afinal desembocaram num grande salão circular com um pedestal quadrado de tufo encimado por uma lousa de mármore.

– Por Júpiter! – exclamou Kennedy em êxtase, enquanto Burger pousava a lanterna sobre o mármore. – É um altar cristão – provavelmente o primeiro que existiu. Aqui está a pequena cruz de consagração no centro. Sem dúvida este espaço circular era usado como igreja.

– Exatamente – disse Burger. – Se eu tivesse mais tempo gostaria de mostrar-lhe todos os corpos sepultados nesses nichos ao longo das paredes, pois são os dos primeiros papas e bispos da Igreja, com suas mitras, báculos e paramentos completos. Dê uma olhada naquele ali.

Kennedy caminhou para o local indicado e contemplou a horrível cabeça frouxamente metida numa mitra esfarrapada e embolorada.

– Isto é interessantíssimo – disse ele, e sua voz retumbava no côncavo da abóbada. – Por tudo quanto sei, não tem igual. Traga a lanterna para cá, Burger. Quero vê-los todos.

Mas o alemão se afastara, e estava parado no centro do círculo de luz do outro lado do salão.

– Sabe quantas saídas falsas existem daqui até a escada? – perguntou ele. – Mais de duas mil. Sem dúvida era uma das medidas de segurança que os cristãos adotavam. A probabilidade de um homem conseguir sair daqui é de um para dois mil, mesmo se ele tiver uma luz. No escuro, é óbvio, seria ainda muito mais difícil.

– É o que imagino.

– E a escuridão é uma coisa terrível. Uma vez eu fiz a experiência. Vamos fazê-la de novo!

Inclinou-se sobre a lanterna, e de repente foi como se uma mão invisível tivesse tapado com força cada um dos olhos de Kennedy. Ele nunca conhecera uma treva como aquela. Era como se o comprimisse e esmagasse. Um obstáculo maciço, contra o qual o corpo se recusava a avançar. Ele estendeu as mãos como para empurrá-lo de si.

– Chega, Burger. Acenda a luz.

Mas o seu companheiro pôs-se a rir, e naquele recinto circular o som parecia vir de todos os lados ao mesmo tempo.

– Você parece inquieto, amigo Kennedy – disse ele.

– Vamos, homem, acenda essa vela! – disse Kennedy impaciente.

– É estranho, Kennedy, mas eu não saberia dizer de modo nenhum pelo som a direção em que você está. Você sabe onde eu estou?

– Não. Parece estar de todos os lados.

– Se não fosse pelo fio que tenho na mão, não teria a menor ideia de por onde seguir.

– Aposto que não. Acenda a luz, homem, e pare com esta tolice.

– Ora, Kennedy, há duas coisas de que, pelo que entendi, você gosta muito. Uma é a aventura, e a outra é um obstáculo a vencer. A aventura será encontrar a saída desta catacumba. O obstáculo será a escuridão e as duas mil saídas falsas que tornam um pouco difícil achar o caminho. Mas não precisa ter pressa. Você terá tempo de sobra, e quando de vez em quando parar para descansar, eu gostaria que você pensasse em Miss Mary Saunderson, e se foi bonito o que fez com ela.

– Seu demônio, o que está querendo dizer? – urrou Kennedy. Estava correndo à volta em pequenos círculos e agatanhando a treva sólida com as duas mãos.

– Adeus – disse a voz zombeteira, já a certa distância. – Francamente, Kennedy, mesmo de acordo com a sua própria versão, não acho que tenha sido bonito o que você fez com a moça. Havia uma coisinha que você disse não saber, e eu posso ajudá-lo. O noivo de *Miss* Saunderson era um pobre-diabo sem graça chamado Julius Burger.

Em algum lugar houve um ruído roçagante, o vago som de um pé batendo numa pedra, e então o silêncio engolfou o velho templo cristão – um silêncio estagnado e pesado que se fechou sobre Kennedy e o envolveu como a água em volta de um afogado.

Uns dois meses depois a seguinte notícia circulou por toda a imprensa europeia:

“Um das mais notáveis descobertas dos últimos anos foi a de uma nova catacumba em Roma, localizada a leste e não longe das bem conhecidas catacumbas de São Calisto. O achado desse importante ossuário, extremamente rico em interessantíssimos despojos dos primeiros cristãos, foi fruto da energia e descortino do dr. Julius Burger, o jovem especialista alemão, que se vem rapidamente alçando ao primeiro plano como autoridade em antiguidade romana. Embora tendo sido ele o primeiro a publicar a descoberta, sabe-se que um aventureiro menos feliz se antecipara ao dr. Burger. Alguns meses atrás, *Mr.* Kennedy, o conhecido pesquisador inglês, desapareceu subitamente do seu domicílio no Corso, e conjecturou-se que o seu envolvimento num escândalo recente o tivesse levado a abandonar Roma. Apurou-se agora que na verdade ele foi vitimado pelo seu ardente

amor à arqueologia, que o levara a ocupar um lugar de destaque entre os romanistas contemporâneos. Seu corpo foi encontrado nas profundezas da nova catacumba, e era evidente pelo estado de seus pés e botas que ele vagou durante muitos dias pelos tortuosos corredores que tornam aquele cemitério subterrâneo tão difícil de explorar. Ao que tudo indica, o extinto, com inexplicável precipitação, aventurou-se naquele labirinto sem sequer levar consigo velas e fósforos, e o seu triste destino foi o resultado natural dessa temeridade. O que torna o fato mais lamentável é que o dr. Julius Burger era amigo íntimo do morto. Seu contentamento ante a extraordinária descoberta que ele teve a sorte de fazer foi grandemente empanado pelo trágico fim do seu amigo e confrade.”



O CASO DE LADY SANNOX

As relações entre Douglas Stone e a notória Lady Sannox eram largamente conhecidas, tanto na roda elegante de que ela era um membro em evidência quanto nas sociedades científicas que o contavam entre os seus mais ilustres *confrères*. Assim sendo, houve um interesse generalizado quando, um belo dia, circulou a nova de que a dama fizera votos definitivos e perpétuos, e de que o mundo não mais a veria. Quando, imediatamente em seguida a esse boato, veio a notícia de que o célebre cirurgião, o homem de nervos de aço, fora encontrado de manhã pelo criado de quarto sentado à beira da cama a sorrir embevecidamente para o mundo, com as duas pernas enfiadas numa só perna da calça e seu cérebro privilegiado não valendo mais que uma tigela de mingau, o caso foi suficientemente extraordinário para provocar uma forte comoção entre pessoas que não esperavam que seus nervos esgotados fossem capazes de tal.

Douglas Stone era em sua plenitude um dos homens mais notáveis da Inglaterra. Aliás, mal se podia dizer que tivesse chegado à plenitude, pois não tinha mais de trinta e nove anos ao tempo desse pequeno incidente. Os que melhor o conheciam sabiam que, famoso como cirurgião, poderia ter

brilhado ainda mais depressa em uma dúzia de outras profissões. Poderia ter trilhado o seu caminho para a fama como militar, poderia tê-lo desbravado como explorador, conquistado nas cortes de justiça, ou construído em pedra e ferro como engenheiro. Nascera para ser grande, pois era capaz de planejar o que mais ninguém ousaria executar, e fazer o que mais ninguém se atreveria a planejar. Em cirurgia não havia quem lhe fizesse sombra. Seus nervos, seu julgamento, sua intuição, eram fora do comum. Repetidamente seu bisturi atalhava a morte, ainda que roçando as próprias molas da vida no processo, a ponto de deixar seus assistentes mais brancos que o paciente. Sua energia, sua audácia, sua vigorosa confiança deixaram memória que perdura ainda ao sul da Marylebone Road e ao norte da Oxford Street.

Seus vícios eram tão soberbos quanto as suas virtudes, e muitíssimo mais pitorescos. Por grande que fosse a sua renda, a terceira entre os profissionais de Londres, ficava muito abaixo do luxo em que ele vivia. Profundamente arraigada em sua complexa natureza havia uma veia de sensualidade, e para satisfazê-la ele empenhava todos os ganhos que a vida lhe proporcionava. O olho, o ouvido, o tato, o paladar o governavam. O buquê de vinhos velhos, o perfume de essências raras, as curvas e matizes das mais finas porcelanas da Europa, eram as coisas em que a incessante torrente de ouro se transformava. E então aconteceu a sua súbita e desvairada paixão por Lady Sannox, quando uma única entrevista com um par de olhares provocantes e uma palavra sussurrada o incendiaram. Ela era a mulher mais fascinante de Londres, e para ele a única. Ele era o homem mais bem-parecido de Londres, mas não o único para ela. Ela tinha uma queda por experiências novas e era solícita para com a maior parte dos homens que a cortejavam. Pode ter sido a causa, ou pode ter sido o efeito, que Lord Sannox aparentasse cinquenta anos, embora não tivesse mais de trinta e seis.

O lorde era um homem reservado, calado, incolor, com lábios finos e pálpebras pesadas, muito dado à jardinagem e de hábitos caseiros. Em certa época gostara de representar, chegara a arrendar um teatro em Londres, e fora no palco que ficara conhecendo *Miss* Marion Dawson, a quem oferecera sua mão, seu título e um terço de um condado. Desde o casamento passara a aborrecer o seu antigo *hobby*. Mesmo em representações privadas ninguém mais o convencia a exercitar o talento que ele muitas vezes demonstrara

possuir. Ele se sentia mais feliz com uma pá de jardineiro e um regador entre as suas orquídeas e crisântemos.

Era uma questão interessante saber se ele era absolutamente falto de senso, ou irremediavelmente desprovido de espírito. Sabia ele do procedimento da esposa e se resignava, ou seria simplesmente um imbecil cego e decrépito? Este era um ponto discutido sobre xícaras de chá em confortáveis salas de visitas, ou com o auxílio de um charuto nas varandas dos clubes. Amargos e taxativos eram os comentários dos homens sobre a sua conduta. Havia apenas um capaz de dizer alguma coisa em seu favor, e este era o menos falante na sala de fumar. Vira-o domar um cavalo na universidade e o fato parecia ter lhe deixado uma forte impressão.

Mas quando Douglas Stone passou a ser o favorito, todas as dúvidas quanto ao conhecimento ou ignorância de Lord Sannox foram postas de lado para sempre. Com Stone não havia subterfúgios. À sua maneira prepotente e impetuosa, ele desafiava toda cautela e discrição. O escândalo tornou-se notório. Uma sociedade erudita comunicou que o nome dele fora riscado da lista dos seus vice-presidentes. Dois amigos foram implorar-lhe que ele levasse em conta o seu crédito profissional. Ele mandou os três para o diabo e gastou quarenta guinéus num bracelete para presentear a dama. Ia à casa dela todas as noites, e à tarde ela passeava no coche dele. Nenhum dos dois se preocupava em esconder a sua ligação; até que enfim teve lugar um pequeno incidente para interrompê-la.

Foi numa lúgubre noite de inverno, gélida e tempestuosa, com ventos que uivavam nos telhados e sacudiam os caixilhos das janelas. Finos borrifos de chuva tilintavam nas vidraças a cada nova rajada, abafando por instantes o surdo gorgolar e gotejar dos beirais. Douglas Stone tinha acabado de jantar e estava sentado junto ao fogo no seu gabinete de trabalho, um cálice de porto generoso sobre a mesinha de malaquita ao seu lado. Antes de levá-lo aos lábios, ele o erguia contra a luz e contemplava com olho de conhecedor as diminutas crostas de tártaro que nadavam nas ricas profundezas de rubi. O fogo, em lampejos espasmódicos, lançava reverberações intermitentes no seu rosto másculo e bem delineado, de grandes olhos cinzentos, lábios grossos porém firmes e mandíbula quadrada e saliente, com um quê de romano na sua força e animalismo. De quando em vez ele sorria, recostando-se na rica poltrona. Tinha motivos para sentir-se satisfeito, pois, contrariando o parecer de seis colegas, realizara nesse dia

uma operação de que havia apenas dois casos registrados, e o resultado superara todas as expectativas. Nenhum outro em Londres teria tido a ousadia de decidir ou a habilidade de levar a cabo uma medida tão heroica.

Ele prometera a Lady Sannox visitá-la nessa noite, e já eram oito e meia. Estava no ato de estender a mão para a sineta para pedir o carro quando ouviu as surdas batidas da aldrava. Pouco depois ouviu o arrastar de pés no vestíbulo e uma porta fechando-se com força.

– Há um cliente à sua procura, senhor, no consultório – disse o mordomo.

– Uma consulta?

– Não, senhor; creio que ele quer que o senhor vá a algum lugar.

– É tarde – disse Douglas Stone, enfadado. – Não irei.

– Aqui está o cartão dele, senhor.

O mordomo estendeu o cartão numa salva de ouro que fora brindada ao patrão pela esposa de um primeiro-ministro.

– “Hamil Ali, Esmirna”. Hum! Deve ser turco.

– Sim, senhor. Parece ter chegado do estrangeiro, senhor. E parece muito agitado.

– Bolas! Eu tenho um compromisso. Tenho de ir a outro lugar. Mas falarei com ele. Faça-o entrar aqui, Pim.

Alguns minutos depois o mordomo abria a porta e introduzia um homenzinho franzino, que caminhava com as costas encurvadas, esticando o pescoço para frente e franzindo os olhos à maneira das pessoas extremamente míopes. Seu rosto era trigueiro e o cabelo e a barba intensamente negros. Numa das mãos segurava um turbante de musselina branca listrada de vermelho e na outra uma sacola de couro de camelo.

– Boa noite – disse Douglas Stone, depois que o mordomo fechara a porta. – O senhor fala inglês, suponho.

– Sim, senhor. Eu sou da Ásia Menor, mas falo inglês, embora não muito depressa.

– Queria que eu fosse a algum lugar, ao que entendi?

– Sim, senhor. Gostaria muito que fosse ver minha esposa.

– Posso ir vê-la amanhã pela manhã. Esta noite tenho um compromisso que me impede de atendê-lo.

A resposta do turco foi inesperada. Ele puxou o cordão que fechava a boca da sacola de couro de camelo e despejou uma catadupa de moedas de

ouro sobre a mesa.

– Há cem libras aqui – disse ele. – E eu lhe garanto que não lhe tomará mais de uma hora. Tenho um carro de praça esperando à porta.

Douglas Stone consultou o relógio. Uma hora ainda lhe deixaria tempo para ir ver Lady Sannox. De outras vezes ele fora ainda mais tarde. E a paga era excepcionalmente alta. Ultimamente ele andava sendo assediado por credores, e não podia desprezar uma oportunidade como aquela. Resolveu ir.

– Qual é o problema? – perguntou.

– Oh, é tão triste! Tão triste! Por acaso o senhor já ouviu falar nas adagas dos Almohades?

– Nunca.

– Ah! são adagas orientais de grande antiguidade e de formato singular, com um punho semelhante ao que os senhores chamam de estribo. Eu sou antiquário, e é esta a razão por que me encontro na Inglaterra, vindo de Esmirna, mas partirei de volta na próxima semana. Trouxe comigo muitas coisas, e ainda me restam algumas, entre elas, para infortúnio meu, uma dessas tais adagas.

– Lembre-se de que tenho um compromisso, senhor – disse o cirurgião um tanto impaciente. – Queira, por favor, limitar-se aos detalhes necessários.

– O senhor verá que estes são necessários. Hoje minha esposa sofreu um desmaio no cômodo onde guardo a minha mercadoria, e cortou o lábio inferior nessa maldita adaga de Almohades.

– Entendo – disse Douglas Stone, pondo-se de pé. – O senhor quer que eu pense o ferimento.

– Não, não, é muito pior que isso.

– O que então?

– Essas adagas são envenenadas.

– Envenenadas!

– Sim, e não há ninguém, no Oriente ou no Ocidente, que saiba dizer de que veneno se trata ou qual seja o remédio para ele. Tudo que se sabe a respeito eu também sei, pois meu pai trabalhava no ramo antes de mim, e já lidamos muito com essa espécie de armas.

– Quais são os sintomas?

– Sono profundo, e morte em trinta horas.

– E o senhor diz que não há remédio. Por que então pagar-me esses consideráveis honorários?

– Não há droga que possa curá-la, mas a faca pode.
– Como assim?
– O veneno é de absorção lenta. Permanece horas na ferida.
– Talvez uma lavagem pudesse removê-lo.
– Não mais do que numa picada de cobra. É por demais sutil e insidioso.

– Excisão da ferida, então?
– É isso. Se for num dedo, ampute-se o dedo. Era o que meu pai sempre dizia. Mas veja o lugar do ferimento, e trata-se de minha esposa. É horrível!

Mas a familiaridade com toda espécie de transe dolorosos pode embotar a sensibilidade de um homem. Para Douglas Stone aquele já era um caso interessante, e ele afastou como irrelevantes as débeis objeções do marido.

– Evidentemente não há alternativa – disse bruscamente. – É melhor perder um lábio do que a vida.

– Ah, sim, eu sei que o senhor tem razão. Bem, bem, é kismet, e tem de ser enfrentado. Eu tenho o carro de praça; o senhor vem comigo e faz o que tem de ser feito.

Douglas Stone tirou de uma gaveta o seu estojo de bisturis e o meteu no bolso juntamente com um rolo de atadura e uma compressa de parche. Não tinha tempo a perder se queria ver ainda Lady Sannox.

– Estou pronto – disse, vestindo o sobretudo. – Quer tomar um copo de vinho antes de sair para o ar frio?

O visitante recuou, levantando uma das mãos em protesto.

– O senhor se esquece de que eu sou muçulmano e um fiel seguidor do Profeta – disse ele. – Mas, diga-me, o que é esse frasco de vidro verde que o senhor meteu no bolso?

– Clorofórmio.

– Ah, isto também nos é vedado. É um espírito, e nós não fazemos uso de coisas desse tipo.

– O quê! Permitiria que sua esposa fosse submetida a uma operação sem anestesia?

– Ah! ela não sentirá nada, a pobrezinha. O sono profundo já se manifestou, sendo como é o primeiro efeito do veneno. E eu lhe ministrei do nosso ópio de Esmirna. Vamos, senhor, pois uma hora já se passou.

No momento em que saíram para a escuridão, uma bâtega de chuva açoitou-lhes as faces, e a lâmpada do vestíbulo, pendente do braço de uma cariátide de mármore, apagou-se com um bafejo. Pim, o mordomo, fechou a pesada porta aplicando-lhe o ombro com esforço contra o vento, enquanto os dois homens tenteavam o caminho em direção ao clarão amarelado que mostrava onde o carro de praça estava à espera. Daí a pouco estavam rodando estrepitosamente pelas ruas.

– É longe? – perguntou Douglas Stone.

– Não, não. Estamos num lugarzinho muito sossegado perto da Euston Road.

O cirurgião comprimiu a mola do seu relógio de repetição e escutou os débeis tinidos que lhe informavam a hora. Um quarto para as nove. Ele calculou as distâncias e o breve tempo que consumiria em completar uma intervenção tão trivial. Poderia estar com Lady Sannox às dez. Através dos vidros embaçados ele via os focos borrados dos lampiões de gás dançando em desfilada, e ocasionalmente o clarão maior da frente de uma loja. A chuva martelava e matracolejava na capota de couro do carro, e as rodas esparrinhavam água e lama das poças que atravessavam. À frente dele o toucado branco do seu companheiro brilhava vagamente na obscuridade. O cirurgião apalpou os bolsos e dispôs em ordem suas agulhas, ligaduras e alfinetes de segurança, de modo a não perder tempo quando chegassem. Ardia de impaciência e tamborilava com o pé no assoalho.

Por fim o carro sofreu a marcha e parou. Douglas Stone saltou rapidamente, com o mercador de Esmirna nos seus calcanhares.

– Pode esperar aqui – disse ao condutor.

Era uma casa modesta, numa rua estreita e sórdida. O cirurgião, que conhecia bem a sua cidade, escrutou rapidamente a escuridão em volta, mas não havia nenhuma indicação – nenhuma casa de comércio, nenhum movimento, nada além de uma dupla fila de fachadas uniformes e desenhadas, uma dupla faixa de lajes molhadas que brilhavam à luz dos lampiões, e uma dupla torrente de água nas sarjetas, que escachoava e marulhava em direção às grelhas dos bueiros. A porta que os defrontava era desbotada e descascada, e a luz fraca que coava da bandeira ao alto servia para revelar o pó e a fuligem que a cobriam. Mais acima, na janela de um quarto de dormir, havia um clarão amarelado, baço e vacilante. O mercador bateu com força, e, quando ele voltou o rosto escuro para a luz, Douglas

Stone notou-lhe a crispação de ansiedade. Um ferrolho foi corrido, e uma velha com uma lamparina apareceu à porta, protegendo a chama débil com uma mão nodosa.

- Tudo bem? – arquejou o mercador.
- Ela está como o senhor a deixou, senhor.
- Não falou?
- Não, está dormindo profundamente.

O mercador fechou a porta, e Douglas Stone enveredou por um estreito corredor, olhando em torno um tanto admirado. Não havia linóleo, nem capacho, nem cabide. Por toda parte seus olhos deparavam uma espessa camada de poeira escura e grossos festões de teias de aranha. Seguindo a velha por uma escada tortuosa, suas pisadas firmes ecoavam rudemente no silêncio da casa. Não havia tapete.

O quarto era no segundo andar. Douglas Stone entrou atrás da velha governanta, com o mercador à retaguarda. Ali, por fim, havia mobília, e de sobra. O assoalho era coalhado e os cantos abarrotados de escrínios turcos, mesinhas marchetadas, cotas de malha, estranhos cachimbos e armas bizarras. Uma única e pequena lamparina queimava sobre uma peanha na parede. Douglas Stone apanhou-a e, ziguezagueando por entre a barafunda, aproximou-se da cama colocada a um canto, sobre a qual jazia uma mulher vestida à moda turca, de *yashmak* e véu. A parte de baixo do seu rosto estava exposta, e o cirurgião viu um corte irregular que se estendia junto à borda do lábio inferior.

– O senhor vai desculpar o *yashmak* – disse o turco. – Sabe como são nossos costumes no Oriente com relação às mulheres.

Mas o cirurgião não estava preocupado com o *yashmak*. Aquilo para ele já não era uma mulher. Era um caso. Ele inclinou-se e examinou cuidadosamente o ferimento.

– Não há sinais de irritação – disse. – Podemos adiar a operação até que surjam sintomas locais.

O marido retorceu as mãos com agitação irreprimível.

– Oh! senhor, senhor – implorou –, não perca tempo. O senhor não sabe. É mortal. Eu sei, eu lhe afirmo que uma operação é absolutamente necessária. Somente a faca pode salvá-la.

– Mesmo assim estou inclinado a esperar – disse Douglas Stone.

– Basta! – explodiu o turco, encolerizado. – Cada minuto conta, e eu não posso ficar aqui parado e ver minha esposa se finar. Só me resta agradecer-lhe por ter vindo, e ir buscar outro cirurgião antes que seja tarde.

Douglas Stone hesitou. Devolver aquelas cem libras não era uma ideia agradável. Mas era claro que se ele abandonasse o caso teria de devolvê-las. E se o turco estivesse certo e a mulher morresse, sua posição num inquérito seria embaraçosa.

– O senhor já teve alguma experiência pessoal com esse veneno?

– Tive.

– E me garante que a operação é inadiável.

– Juro-lhe por tudo que é sagrado.

– A desfiguração será medonha.

– Sim, não será uma boca muito agradável de beijar.

Douglas Stone voltou-se ferozmente para o homem. A declaração fora brutal. Mas um turco tem seus próprios modos de falar e de pensar e não havia tempo para uma altercação. Douglas Stone retirou um bisturi do estojo, abriu-o e experimentou com o indicador a lâmina reta e afiada. Depois aproximou da cama a lamparina. Dois olhos negros fitavam-no através da fenda do yashmak. Eram feitos só de íris, as pupilas mal se podiam distinguir.

– O senhor lhe aplicou uma forte dose de ópio.

– Sim, foi uma boa dose.

Ele olhou de novo aqueles olhos escuros diretamente fixos nos seus. Eram inexpressivos e mortiços, mas, enquanto ele olhava, uma centelha fugidia perpassou por eles, e os lábios tremeram.

– Ela não está totalmente inconsciente – disse ele.

– Não é melhor usar a faca enquanto for indolor?

O mesmo pensamento ocorrera à mente do cirurgião. Ele prensou o lábio ferido com o fórceps, e com dois talhos destros retirou um largo pedaço em forma de V. A mulher saltou na cama com um grito horrivelmente gargarejante. O véu escorregou-lhe do rosto. Era um rosto que ele conhecia. Apesar do lábio superior distendido e da babugem de sangue, era um rosto que ele conhecia. Ela levava a mão à brecha e continuava a gritar. Douglas Stone sentou-se nos pés da cama segurando o fórceps e o bisturi. O quarto girava em torno dele, e ele sentia algo como uma costura arrebatando atrás da orelha. Um observador diria que o rosto dele era o mais horrendo dos

dois. Como num sonho, ou como se estivesse assistindo a uma peça de teatro, ele reparou que o cabelo e a barba do turco estavam sobre a mesa, e que Lord Sannox estava encostado à parede, com as mãos na cintura, rindo silenciosamente. Os gritos tinham-se extinguido agora, e a medonha cabeça recaíra sobre o travesseiro, mas Douglas Stone continuava ali paralisado, e Lord Sannox ainda ria de si para consigo, sem produzir som.

– Essa operação era realmente muito necessária para Marion – disse ele. – Não fisicamente, mas moralmente, veja bem, moralmente.

Douglas Stone debruçou-se para a frente e pôs-se a brincar com as franjas da colcha. O bisturi caiu no chão com um tinido, mas ele segurava ainda o fórceps e algo mais.

– De há muito eu pretendia dar-lhes uma pequena lição – disse Lord Sannox suavemente. – O seu bilhete de quarta-feira extraviou-se. Tenho-o aqui em minha carteira. Custou-me um pouco levar avante a minha ideia. O ferimento, por sinal, foi produzido de modo bastante inofensivo pelo meu anel de sinete.

Fitou um olhar penetrante no seu mudo companheiro, e engatilhou o pequeno revólver que trazia no bolso do casaco. Mas Douglas Stone continuava a desfiar a colcha.

– Como vê, o senhor, afinal de contas, não faltou ao seu encontro – disse Lord Sannox.

E então Douglas Stone desatou a rir. Riu alto e prolongadamente. Mas Lord Sannox já não ria. Uma espécie de pavor aguçou-lhe e endureceu-lhe as feições. Ele saiu do quarto nas pontas dos pés. A velha esperava do lado de fora.

– Cuide de sua patroa quando ela acordar – disse Lord Sannox. Depois desceu para a rua. O carro estava à porta, e o cocheiro levou um dedo ao chapéu.

– John – disse Lord Sannox –, você vai levar o doutor à sua casa primeiro. Ele vai precisar de ajuda para descer, eu creio. Diga ao seu mordomo que ele se sentiu mal quando atendia a um doente.

– Entendido, senhor.

– Depois pode levar Lady Sannox para casa.

– E quanto ao senhor?

– Ah, sim, meu endereço durante os próximos meses será o hotel di Roma, Veneza. Providencie para que a correspondência seja enviada para lá.

E diga a Stevens que exponha todos os crisântemos roxos na próxima segunda-feira, e que me telegrafe o resultado.



O GATO DO BRASIL

É uma infelicidade para um jovem ter gostos dispendiosos, grandes esperanças e relações elegantes, sem ter dinheiro no bolso, nem profissão que o habilite a ganhar algum. O fato foi que meu pai, um homem bom, sanguíneo e pachorrento, depositara tanta confiança na fortuna e na generosidade de um irmão mais velho e solteirão, Lord Southerton, que dera como favas contadas que eu, seu único filho, não seria jamais solicitado a ganhar a vida por mim mesmo. Imaginara que, se não houvesse vaga para mim no império Southerton, tocar-me-ia pelo menos algum posto no serviço diplomático, que constitui ainda a reserva especial das nossas classes privilegiadas. Morreu cedo demais para descobrir quão falsas eram tais suposições. Nem meu tio nem o Estado fizeram o menor caso de mim, ou mostraram qualquer interesse que fosse em minha carreira. Ocasionalmente, um par de faisões ou um engradado de lebres era tudo quanto me chegava para lembrar-me de que eu era o herdeiro da Casa de Otwell e de uma das mais ricas propriedades do país. No entretanto, eu não passava de um solteiro boa-vida, instalado num apartamento em Grosvenor Mansions, sem outra ocupação que as de atirar aos pombos e jogar polo em Hurlingham. Mês a mês eu me dava conta de que ia ficando mais e mais difícil renovar as minhas letras junto aos prestamistas ou continuar sacando sobre a herança de um patrimônio não vinculado. A ruína me aguardava em meu caminho, e cada dia eu a via mais patente, mais vizinha e mais absolutamente inevitável.

O que me fazia sentir mais agudamente a minha pobreza era o fato de que, sem contar a fortuna de Lord Southerton, todos meus demais parentes eram bastante abastados. O mais próximo deles era Everard King, sobrinho de meu pai e meu primo primeiro, que levara uma vida aventureira no Brasil e retornara à pátria para estabelecer-se com o capital que acumulara. Nunca

se soube como ele ganhara o seu dinheiro, mas parecia ter bastante, pois comprou as terras de Greylands, perto de Clipton-on-the-Marsh, no Suffolk. No primeiro ano de sua volta à Inglaterra ele não me deu mais atenção que o sovina do meu tio; mas por fim, uma manhã de verão, para meu grande alívio e alegria, eu recebi uma carta convidando-me a partir naquele mesmo dia e passar uma curta temporada em Greylands Court. Minha expectativa nessa ocasião era a de uma longa temporada na Corte de Insolvências, e aquela interrupção pareceu-me quase providencial. Se ao menos me fosse dado chegar a termos com aquele parente que eu não conhecia, talvez ainda pudesse safar-me. A bem do renome da família, ele não poderia permitir que eu fosse de todo encostado à parede. Ordenei ao meu criado que me fizesse a mala e na mesma tarde pus-me a caminho de Clipton-on-the-Marsh.

Depois que baldeei em Ipswich, um pequeno trem local depositou-me numa estaçãozinha deserta situada em meio a campos ondulados e relvosos, com um rio indolente e meandroso coleando pelos vales entre margens altas e lodentas, que mostravam estarmos ao alcance das marés. Não havia carro à minha espera (soube mais tarde que o meu telegrama se atrasara), de modo que aluguei uma charrete na estalagem local. O cocheiro, um ótimo sujeito, tinha o meu parente em alta conta. Fiquei sabendo por ele que Mr. Everard King já era um nome a invocar naquela parte do país. Promovia festas para os meninos de escola, abria o seu parque aos visitantes, subvencionava obras de caridade – em suma, sua benemerência era tal que o meu cocheiro só podia atribuí-la ao pressuposto de que ele tivesse ambições parlamentares.

Minha atenção foi desviada das loas do cocheiro por um belíssimo pássaro pousado num poste de telégrafo à margem da estrada. A princípio pensei que fosse um gaio, mas era maior, e a plumagem mais vivamente colorida. O cocheiro explicou-lhe a presença prontamente, informando que ele pertencia exatamente ao homem que estávamos em vias de visitar. Aparentemente a aclimação de animais exóticos era um dos seus passatempos, e ele trouxera consigo do Brasil uma coleção de aves e bichos que se propunha a criar na Inglaterra. Depois que passamos os portões de Greylands Park tivemos amplas provas dessa sua vocação. Veadinhos pintados, um curioso porco selvagem chamado, salvo engano, caititu, um papafigo de esplêndida plumagem, uma espécie de tatu, e um estranho animal desajeitado, de dedos voltados para dentro, parecendo um texugo muito

gordo, estavam entre os exemplares que pude observar durante o percurso pela aleia sinuosa.

Mr. Everard King, meu primo desconhecido, estava em pessoa no alto dos degraus da casa, pois nos vira à distância e imaginara que era eu. Era de aparência muito chã e conversável, baixo e atarracado, quarenta e cinco anos talvez, com um rosto redondo e jovial, bronzeado pelo sol dos trópicos e vincado de mil rugas. Vestia roupa branca à moda dos plantadores, tinha um charuto entre os dentes e um grande chapéu Panamá atirado para a nuca. Era uma figura que a gente associa a um bangalô avarandado, e parecia curiosamente fora de lugar à frente daquela vasta e britânica mansão de pedra, com suas alas maciças e seus pilares paladianos ladeando a porta.

– Querida! – gritou ele, olhando por sobre o ombro – querida, cá está o nosso convidado! Bem-vindo, bem-vindo a Greylands! Estou encantado em conhecê-lo, primo Marshall, e tomo como um grande cumprimento que venha honrar com a sua presença este lugarzinho sonolento.

Suas maneiras não podiam ser mais calorosas, e num instante ele me pôs à vontade. Mas era necessária toda a sua cordialidade para compensar a frieza e mesmo grosseria da esposa, uma mulher alta e descarnada, que apareceu ao seu chamado. Era, creio, originária do Brasil, embora falasse um excelente inglês, e eu lhe desculpei os maus modos à conta da sua ignorância das nossas convenções. No entanto ela nada fez para ocultar, então ou depois, que eu não era uma visita bem-vinda a Greylands Court. As palavras em si eram em regra corteses, mas ela era dona de um par de olhos escuros extremamente expressivos, e desde o primeiro momento eu li neles muito claramente que ela de todo o coração me desejava ver pelas costas.

Entretanto, minhas dívidas eram por demais prementes e meus desígnios com respeito ao meu próspero parente por demais vitais para que eu me deixasse perturbar pelo mau gênio da mulher. Assim, fiz vista grossa à indelicadeza dela e reciproquei a extrema cordialidade com que ele me recebeu. Ele não medira esforços para me pôr a gosto. Meu quarto era encantador. Implorou-me que lhe fizesse saber qualquer coisa que pudesse acrescer meu bem-estar. Estive a pique de dizer-lhe que um cheque em branco contribuiria substancialmente para esse objetivo, mas achei que isso seria prematuro no presente estado de nossas relações. O jantar foi excelente, e quando em seguida nos sentamos juntos fumando os seus havanas e bebericando o seu café, que mais tarde ele me disse ser

proveniente da sua própria produção, todos os encômios do cocheiro pareceram-me justificados, e eu senti que nunca conhecera alguém tão liberal e hospitaleiro.

Mas, a despeito do seu gênio afável, ele era um homem de vontade firme e temperamento impetuoso. Disso tive uma amostra na manhã seguinte. A curiosa antipatia que *Mrs.* Everard King alimentava em relação a mim era tão forte que ao desjejum suas maneiras foram pouco menos que acintosas. E as suas intenções manifestaram-se de forma inequívoca quando o marido se retirou da sala.

– O melhor trem do dia é o das doze e quinze – disse ela.

– Mas eu não pretendo partir hoje – respondi com franqueza, talvez até desafiadoramente, pois estava resolvido a não me deixar expulsar pela megera.

– Ah, se prefere assim... – disse ela, e interrompeu-se com uma expressão sobremaneira insolente no olhar.

– Estou certo – repliquei – de que Mr. Everard King me daria a saber se eu estivesse abusando do seu bom acolhimento.

– O que é isso? O que é isso? – interpelou uma voz, e ele surgiu na sala. Entreouvira as minhas últimas palavras, e um olhar às nossas expressões lhe dissera o resto. Instantaneamente o seu semblante gorducho e jovial assumiu um ricto incrivelmente feroz.

– Quer ter a bondade de deixar-nos a sós, Marshall? – disse ele. (Esclareço de passagem que meu nome é Marshall King.)

Ele fechou a porta atrás de mim, e, por um momento, eu o ouvi falar à esposa em voz baixa e com concentrada irritação. A grosseira quebra de hospitalidade certamente lhe ferira o ponto fraco. Eu não sou bisbilhoteiro, e assim sendo saí para o jardim. Daí a pouco ouvi às minhas costas uns passos apressados, e ali estava a dama, o semblante pálido de agitação e os olhos vermelhos de chorar.

– Meu marido quer que eu lhe peça desculpas, *Mr.* Marshall King – disse ela, parando à minha frente de olhos baixos.

– Por favor, nem pense nisso, *Mrs.* King.

Seus olhos negros de repente fuzilaram.

– Imbecil! – ela sibilou com frenética veemência, e, girando nos calcanhares, correu de volta para a casa.

A afronta foi tão insólita, tão intolerável, que tudo que pude fazer foi quedar parado no lugar a acompanhá-la com os olhos, boquiaberto. Ainda estava ali quando o meu hospedeiro veio ao meu encontro, novamente rechonchudo e bonachão.

– Espero que minha esposa se tenha desculpado pelas asneiras que disse.

– Oh! sim... sim, claro!

Ele tomou-me pelo braço e se pôs a caminhar comigo de um lado para outro no gramado.

– Não a leve a sério – disse-me. – Eu ficaria inconsolável se você abreviasse a sua estada por uma hora que fosse. O fato é – não há razão para segredo entre parentes – que a coitadinha é incrivelmente ciumenta. Detesta que qualquer pessoa – homem ou mulher – possa interpor-se entre nós por um momento que seja. Seu ideal seria uma ilha deserta e um eterno *tête-à-tête*. Isto explica o seu procedimento, que, neste particular, eu lhe confesso, chega a ser quase uma mania. Prometa-me que não pensará mais nisso.

– Não, não, claro que não.

– Então acenda este charuto e venha comigo. Vou lhe mostrar o meu pequeno zoológico.

A inspeção levou a tarde inteira, abrangendo todas as aves e quadrúpedes, inclusive répteis, que ele importara. Alguns estavam em liberdade, outros em gaiolas, alguns até dentro de casa. Ele falava com entusiasmo das suas peripécias, nascimentos e mortes, e soltava exclamações deliciadas, como um menino de escola, quando, à nossa passagem, algum pássaro brilhante levantava voo de entre as moitas ou algum bicho exótico se esgueirava procurando abrigo. Finalmente conduziu-me através de um corredor que partia de uma das alas da casa. No extremo deste havia uma pesada porta com um postigo corrediço, e da parede ao lado dela projetava-se uma manivela de ferro ligada a uma roda e um tambor. Havia uma grade de grossas barras ao longo da parede.

– Agora vou mostrar-lhe a joia da minha coleção – disse ele. – Não há um único espécime igual em toda a Europa, desde que o filhote de Rotterdam morreu. É um gato do Brasil.

– Em que ele difere de outro gato qualquer?

– Já vai ver – disse ele rindo. – Quer fazer o favor de abrir esse postigo e dar uma espiada?

Obedeci, e vi uma grande cela nua, pavimentada de lajes de pedra e com pequenas janelas gradeadas na parede oposta. No centro dessa peça, estendido numa mancha de sol, estava um animal enorme, não menor que um tigre, mas negro e lustroso como ébano. Era simplesmente um gigantesco gato preto muito bem tratado, aquecendo-se preguiçosamente naquela poça de luz dourada como faria qualquer outro gato. Era tão gracioso, tão possante, tão suave e maciamente diabólico que eu não podia afastar os olhos da abertura.

– Não é esplêndido? – disse o meu hospedeiro entusiasticamente.

– Maravilhoso! Nunca vi uma criatura tão nobre.

– Alguns lhe chamam puma negro, mas na verdade não é um puma. Esse camarada mede quase onze pés da cauda ao focinho. Quatro anos atrás era uma bolinha de pelos pretos, com dois olhos amarelos espiando através deles. Comprei-o quando era um filhote recém-nascido, em plena selva, nas cabeceiras do rio Negro. A mãe foi morta a lanças depois de ter liquidado uma dúzia de sujeitos.

– Então são ferozes?

– São os seres mais traiçoeiros e sanguinários que existem na face da terra. Fale-se de um gato do Brasil a um índio daquelas regiões e ele se arrepiá. O homem é sua presa preferida. Este aqui ainda não provou sangue vivo, mas, quando o fizer, vai transformar-se num terror. Atualmente ele já não admite ninguém além de mim em seu covil. Nem Baldwin, o cavaliário, se atreve a chegar perto dele. Quanto a mim, sou para ele mãe e pai ao mesmo tempo.

Assim falando, de repente, para meu espanto, ele abriu a porta e entrou rapidamente, fechando-a no mesmo instante atrás de si. Ao som da sua voz a enorme e sinuosa fera levantou-se, bocejou e esfregou a enorme cabeça arredondada contra o lado dele, enquanto ele lhe dava tapinhas e a acariciava.

– Muito bem, Tommy, agora entre na sua gaiola! – disse ele.

O monstruoso gato dirigiu-se para um lado da cela e foi enrodilhar-se debaixo de uma grelha. Everard King saiu e, empunhando a manivela que já mencionei, pôs-se a girá-la. Com isso a grade do corredor passou a deslocar-se através de uma fenda na parede e fechou a frente da grelha de modo a formar uma sólida jaula. Completada a operação, ele abriu de novo a

porta e convidou-me a entrar na peça, que era saturada do fartum pungente e almiscarado típico dos grandes felinos.

– É assim que a coisa funciona – disse ele. – Damos-lhe o espaço desta peça para exercício, e à noite o fechamos na jaula. Para deixá-lo sair basta virar a manivela na passagem, e para trancá-lo, como viu, o processo é o mesmo. Não, não, não faça isso!

Eu enfiara a mão entre as grades para tocar aquele flanco arquejante e luzidio. Ele a puxou de volta, com a fisionomia muito séria.

– Eu lhe digo que isso é perigoso. Não pense que porque eu posso tomar liberdades com ele qualquer um pode fazer o mesmo. Ele é muito seletivo em suas amizades – não é mesmo, Tommy? Ah, ele já ouviu que o seu almoço vem chegando. Hein, rapaz?

Houve um som de passos nas lajes do corredor. O bicho saltou de pé e pôs-se a andar de um lado para outro na jaula exígua, os olhos amarelos fulgurando, a língua vermelha se agitando e estremecendo sobre a linha branca dos dentes pontiagudos. Um cavaliariço entrou com uma grande posta de carne com osso sobre uma bandeja e atirou-a por entre as grades. Ele saltou levemente sobre ela, arrastou-a para um canto, e ali, sujeitando-a entre as patas, pôs-se a dilacerá-la e espedaçá-la, levantando a cada instante o toucinho ensanguentado para olhar para nós. Era um espetáculo maligno e ainda sim fascinante.

– Não deve surpreendê-lo que eu me tenha afeiçoado a ele, não é mesmo? – disse o meu hospedeiro quando saímos – mormente considerando que eu o criei. Não foi brincadeira trazê-lo do centro da América do Sul; mas cá está ele são e salvo – e, como eu disse, não há mais perfeito exemplar em toda a Europa. O pessoal do zoológico o tem de olho, mas eu jamais me separaria dele. Muito bem, acho que já abusei da sua paciência com meu hobby por tempo que chegue, portanto o melhor que temos a fazer é seguir o exemplo de Tommy e cuidar do nosso almoço.

Meu parente sul-americano se deixava de tal modo absorver pelas suas terras e por seus estranhos ocupantes que a princípio foi-me difícil conceber que ele tivesse outros interesses. Na verdade os tinha, e prementes, o que logo se patenteou pelo número de telegramas que ele recebia. Chegavam a toda hora, e ele os abria com mostras de grande avidez e ansiedade. Às vezes eu imaginava que se tratasse do turfe, e às vezes da Bolsa de Valores, mas o certo é que ele tinha em andamento negócios muito urgentes que não

eram resolvidos nos confins do Suffolk. Durante os seis dias da minha permanência ele nunca recebeu menos de três ou quatro telegramas por dia, e por vezes até sete ou oito.

Eu ocupara tão bem esses seis dias que ao final deles tinha logrado o meu intento de estabelecer com meu primo o mais cordial dos convívios. Todas as noites ficávamos sentados até tarde na sala de bilhar, com ele me contando as mais extraordinárias histórias das suas aventuras na América – histórias tão temerárias e descabeladas que eu dificilmente as podia associar àquele homenzinho trigueiro e rechonchudo que me defrontava. Em troca, abalancei-me a entrar nalgumas das reminiscências da minha vida londrina, as quais o interessavam tanto que ele prometeu solenemente ir passar algum tempo comigo em Grosvenor Mansions. Estava ansioso por conhecer o lado mais mundano da vida na cidade, e a verdade é, modéstia à parte, que não podia escolher mais competente cicerone. Foi só no último dia da minha estância que me aventurei a abordar o assunto que me atazanava. Falei-lhe francamente das minhas aperturas financeiras e iminente bancarrota, e pedi-lhe conselho – embora esperando algo mais substancial. Ele escutou atentamente, puxando baforadas do charuto.

– Mas como – disse ele –, você não é o herdeiro do nosso parente, Lord Southerton?

– Tenho bons motivos para acreditar que sim, mas ele jamais concordaria em conceder-me alguma coisa por conta.

– Não, eu sei, sua sovinice é bem conhecida. Meu pobre Marshall, a sua posição não é nada fácil. Por falar nisso, tem tido alguma notícia sobre o estado de saúde de Lord Southerton ultimamente?

– Desde que me entendo por gente, ele sempre viveu em condição precária.

– Certo: sempre com um pé na cova. Sua herança pode estar num futuro bem longínquo. Meu Deus, é uma situação bem melindrosa, a sua!

– Eu tinha certa esperança, meu primo, de que o senhor, conhecendo bem as circunstâncias, poderia talvez dispor-se a adiantar-me....

– Meu caro rapaz, não diga mais nada – exclamou ele com a máxima cordialidade. – Falaremos nisso esta noite, e eu lhe dou minha palavra de que o que estiver ao meu alcance será feito.

Não me entristecia o fato de que a minha visita estivesse chegando ao fim, pois é bem desagradável saber que há na casa uma pessoa aflita por

ver-nos pelas costas. A face caveirosa e o olhar rebarbativo de Mrs. King tinham se tornado para mim cada vez mais odiosos. Ela já não era ativamente rude – o medo do marido a coibia – mas levava o seu ciúme desvairado ao ponto de fingir ignorar a minha presença, de jamais dirigir-me a palavra, e por todas as maneiras tornar a minha estada em Greylands tão incômoda quanto possível. Tão hostil foi a sua atitude naquele último dia que eu certamente ter-me-ia posto ao fresco, não fosse aquela entrevista com meu hospedeiro marcada para a noite, a qual, eu esperava, traria a redenção da minha fazenda falida.

Ela teve lugar muito tarde, pois meu primo, que durante o dia estivera a receber telegramas em cópia ainda maior que a de costume, encafurnou-se em seu gabinete depois do jantar e só saiu depois que a criadagem já se recolhera. Ouvi-o a percorrer a casa trancando as portas, como fazia todas as noites, e finalmente ele veio ao meu encontro na sala de bilhar. Tinha o corpo retaco envolvido num roupão e usava um par de pantufas turcas vermelhas sem salto. Refestelando-se numa poltrona, misturou para si mesmo um copo de grogue, no qual não pude deixar de notar que o uísque entrava em proporção consideravelmente maior que a água.

– Caramba! – disse ele – que noite!

De fato. O vento uivava e gemia à volta da casa, as janelas de rótula matraqueavam e sacolejavam como se em vias de romper-se. A luz amarela das lâmpadas e o aroma dos nossos charutos pareciam mais brilhante e mais fragrante pelo contraste.

– Muito bem, meu rapaz – disse o meu hospedeiro –, temos a casa e a noite para nós. Ponha-me a par da situação dos seus negócios e verei o que pode ser feito para pô-los em ordem. Gostaria de ouvir todos os detalhes.

Assim encorajado, desfiei uma longa exposição, na qual meus fornecedores e credores, do meu senhorio ao meu criado, figuravam sucessivamente. Eu tinha anotações em minha carteira, pusera em ordem meus dados, e assim apresentei, posso orgulhar-me de dizê-lo, um balanço muito bem organizado dos meus passos desregrados e da minha lamentável posição. Deprimiu-me, entretanto, notar que o meu companheiro tinha os olhos vagos e a atenção distante. Quando ocasionalmente interpunha uma observação, esta era tão perfunctória e despropositada que me dava a certeza de que ele não seguira a minha explanação. Vez por outra ele acordava e fingia uma mostra de interesse, pedindo-me que repetisse ou que

explicasse melhor, mas sempre para afundar-se em seguida no mesmo alheamento. Por fim levantou-se e atirou o toco do charuto na lareira.

– Ouça aqui, meu rapaz – disse. – Eu nunca tive cabeça para números, portanto você vai me desculpar. Ponha tudo isso no papel e faça-me saber a importância. Eu o compreenderei quando o vir preto no branco.

A proposta era animadora. Prometi obedecer.

– E agora é tempo de irmos para a cama. Minha nossa, é uma hora que o relógio está batendo no *hall*.

O repicar do carrilhão fazia-se ouvir através do estrondoso rugir do vendaval. O vento lá fora lufava com o ímpeto de um grande rio.

– Tenho de ir ver o meu gato antes de deitar – disse o meu hospedeiro. – A ventania o excita. Quer vir?

– Decerto – respondi.

– Então pise manso e não fale. Estão todos dormindo.

Atravessamos sem ruído o *hall* iluminado e forrado de tapetes persas e a porta do outro lado. Estava tudo escuro no corredor de pedra, mas havia uma lanterna de cavaliariça dependurada num gancho e meu hospedeiro retirou-a e a acendeu. A grade não estava à vista na passagem, portanto eu sabia que a fera estava em sua jaula.

– Venha! – disse o meu parente, e abriu a porta.

Um rosnido rouco quando entramos mostrou que a tempestade realmente excitara o bicho. À luz oscilante da lanterna nós o vimos, uma enorme massa negra enovelada a um canto do cubículo, projetando uma sombra achaparrada e desconforme na parede caiada. A cauda se agitava nervosamente sobre a palha.

– O pobre Tommy não está de muito bom humor – disse Everard King, levantando a lanterna e olhando para ele. – Parece um diabo negro, não é mesmo? Tenho de arranjar-lhe uma pequena ceia para alegrá-lo um pouco. Por favor, segure um instante a lanterna.

Tomei-lha da mão e ele se encaminhou para a porta.

– A despensa dele fica logo ali – disse ele. – Dê-me licença um minuto, está bem?

Saiu, e a porta fechou-se atrás dele com um forte estalido metálico.

Aquele som agudo e seco fez-me saltar o coração. Uma súbita onda de terror envolveu-me. A vaga percepção de uma perfídia monstruosa gelou-me

o sangue nas veias. Precipitei-me para a porta, mas não havia trinco pelo lado de dentro.

– Escute aqui! – gritei. – Deixe-me sair!

– Muito bem! Não faça tanto barulho! – disse o meu hospedeiro da passagem. – Você está com a luz.

– Sim, mas não quero ficar trancado aqui sozinho.

– Não quer? – Ouvi que ele soltava a sua risadinha prazenteira e gutural. – Não vai estar sozinho por muito tempo.

– Deixe-me sair, senhor! – repeti com irritação. – Fique sabendo que não acho graça em brincadeiras desta espécie.

– Brincadeira não é bem o termo – disse ele com outra odiosa risadinha.

E então, de repente, entre o bramir do temporal, ouvi os rangidos e chiados da manivela do guincho girando e o retinir da grade passando pela fenda. Deus do céu, ele estava soltando o gato do Brasil!

À luz da lanterna vi as barras deslizando lentamente à minha frente. Havia já uma abertura de um pé de largo na extremidade. Com um berro eu agarrei com as mãos a última barra e a puxei com a força de um possesso. Eu estava possesso, de raiva e de horror. Por um minuto ou mais consegui manter a coisa imóvel. Sabia que ele estava forçando a manivela com quantas forças tinha, e que a ação da alavanca inevitavelmente me derrotaria. Cedi polegada a polegada, os pés resvalando na pedra, e todo o tempo rogava e suplicava àquele monstro desumano que me poupasse àquela morte horrível. Invoquei o nosso parentesco. Lembrei-lhe que era seu hóspede; implorei-lhe que me dissesse que mal eu lhe havia feito. Suas únicas respostas eram os arrancos e puxões na manivela, cada um dos quais, a despeito de todo o meu esforço, deslocava uma barra mais pela abertura. Aferrado e atracado, fui arrastado ao longo de toda a frente da jaula, até que por fim, com os pulsos doloridos e os dedos esfolados abri mão daquela resistência inútil. Com um tinido a grade chocou-se contra o batente no momento em que a soltei. Pouco depois ouvi o arrastar das pantufas turcas na passagem e o bater da porta distante. Então tudo ficou silencioso.

Durante esse tempo o animal não se movera. Continuava quieto no seu canto, e a cauda parara de agitar-se. O surgimento de um homem agarrado às grades da sua jaula e arrastado a gritar à frente dele aparentemente o enchera de estupefação. Vi seus grandes olhos fitos em mim. Eu deixara cair a

lanterna ao segurar as barras, mas ela se mantinha acesa no chão, e eu fiz menção de apanhá-la, com a vaga ideia de que a luz me pudesse proteger. Mas, no instante em que fiz o movimento, a fera emitiu um ronco grosso e ameaçador. Parei e fiquei imóvel, tremendo de medo dos pés à cabeça. O gato (se é que se pode chamar uma criatura tão terrificante por um nome tão familiar) estava a menos de três passos de mim. Os olhos luziam como dois discos de fósforo no escuro. Eles me aterravam e ao mesmo tempo me fascinavam. Eu não conseguia desviar deles os meus. A natureza às vezes nos prega estranhas peças nesses momentos de crise. Aqueles olhos cintilantes cresciam e minguavam num ritmo regular. Às vezes pareciam pontos diminutos de um brilho intenso – como centelhas elétricas na treva – depois se alargavam mais e mais até que aquele canto da cela se aclarava com a sua luz mutável e sinistra. E então, de repente, apagaram-se de todo.

O monstro fechara os olhos. Não sei se existe alguma coisa de verdade na antiga ideia do poder do olhar humano, ou se o grande gato estava meramente sonolento, mas o fato é que, longe de mostrar qualquer sintoma de atacar-me, ele limitou-se a repousar a cabeça negra e lúzida nas enormes patas dianteiras e pareceu adormecer. Continuei parado, receando com um movimento fazer reviver aquela força maligna. Mas pelo menos podia pensar mais claramente, agora que não tinha sobre mim aqueles olhos cruéis. Ali estava eu trancado pelo resto da noite com um bruto feroz. Meu instinto, sem contar as palavras plausíveis do patife que me armara a cilada, me avisava que o animal era tão selvagem quanto o seu dono. Como obviar ao risco até o amanhecer? A porta estava fora de cogitação, bem como as estreitas janelas gradeadas. Não havia abrigo em parte alguma, naquela peça nua e lajeada. Gritar por socorro era absurdo. Eu sabia que a cela era um anexo, e que a passagem que a ligava à casa tinha no mínimo cem pés de comprimento. Ademais, com a tempestade rugindo lá fora, era improvável que os meus gritos fossem ouvidos. Minha coragem e engenho eram as únicas coisas com que eu podia contar.

E então, com um novo frêmito de horror, meus olhos pousaram na lanterna. A vela já queimara quase até o fim e começava a escorrer. Mais dez minutos e se extinguiria. Eu não tinha mais de dez minutos para fazer alguma coisa, pois sabia que, uma vez no escuro com aquele temível carniceiro, ficaria incapaz de ação. O simples pensamento me paralisava. Circunvaguei um olhar desesperado por aquela câmara de morte e o detive num lugar que

parecia prometer, não digo segurança, mas um perigo menos iminente e imediato do que o piso aberto.

Eu disse atrás que a jaula tinha uma tampa assim como uma frente, e que essa tampa permanecia fixa quando a frente era deslocada pela fresta da parede. Consistia em barras espaçadas de umas poucas polegadas, com uma grossa tela de arame de permeio, e se apoiava sobre robustos pilares em cada extremidade. Agora era como um grande baldaquino gradeado sobre a figura encolhida no canto. O espaço entre essa prateleira de ferro e o teto seria de uns dois ou três pés. Se eu pudesse subir ali, espremido entre as barras e o teto, ficaria com apenas um lado vulnerável. Estaria em segurança por debaixo, por detrás e de cada lado. Somente pela face aberta eu poderia ser atacado. Na verdade eu não tinha ali nenhuma proteção, mas pelo menos estaria fora do caminho da fera quando ela se pusesse a passear pelo covil. Ela teria de sair do seu trajeto para alcançar-me. Era agora ou nunca, pois sem luz seria impossível. Com um nó na garganta eu saltei, agarrei a borda de ferro da tampa e guindei-me ofegando para cima dela. Encaixei-me no vão com a cara para baixo e vi-me face a face com os olhos terríveis e com a fauce do gato escancarada num bocejo. Seu bafo fétido banhava-me o rosto como o vapor de um pestilento caldeirão.

Entretanto ele parecia mais curioso do que hostil. Com uma suave ondulação do dorso alongado ele se levantou, espreguiçou-se, depois erguendo-se nas patas traseiras, com uma das dianteiras apoiada na parede levantou a outra e passou as garras pela tela embaixo de mim. Um gancho branco aguçado rasgou-me a calça – note-se que eu estava ainda trajado a rigor – e abriu-me um talho no joelho. Não fora um ataque, mas antes uma experiência, pois, tendo eu deixado escapar um grito agudo de dor, ele abaixou-se de novo e, saltando levemente para a cela, pôs-se a andar rapidamente ao seu redor, levantando os olhos a intervalos na minha direção. De minha parte eu recuei o mais que podia, até ficar com as costas coladas à parede, e me encolhi de modo a ocupar o menor espaço possível. Quanto mais longe me colocasse, mais difícil seria para ele atacar-me.

Agora que se pusera em movimento ele parecia mais excitado, e, ágil e silenciosamente, circulava sem cessar à volta da cela, passando a todo instante sob o leito de ferro em que eu jazia. Era espantoso ver aquela enorme massa movendo-se como uma sombra com um som mal perceptível de coxins aveludados. A vela queimava frouxamente – tão frouxamente que

eu quase não via a criatura. E então, com um último lampejo e um respingo, apagou-se de todo. Eu estava sozinho com o gato no escuro!

É mais fácil afrontar um perigo quando se sabe ter feito tudo o que era possível fazer. Então resta somente ficar quieto e aguardar o resultado. No presente caso não havia qualquer resguardo possível senão no exato local em que eu me achava. Assim sendo, estendi-me e me deixei ficar deitado em silêncio, quase sem respirar, na esperança de que a fera esquecesse talvez a minha presença se eu nada fizesse para lembrá-la. Calculei que já seriam duas horas. Às quatro já teria amanhecido. Eu não teria de esperar mais que duas horas pela luz do dia.

Lá fora o temporal ainda raivava, e a chuva fustigava sem cessar as janelinhas. Dentro, o ar mefítico e pestilencial era opressivo. Eu não via nem ouvia o gato. Tentei pensar em outras coisas – mas só havia uma com poder bastante para desviar-me a mente do meu terrível transe. Era a consideração da vileza do meu primo, da sua inaudita hipocrisia, do ódio venenoso que ele me votava. Por detrás daquela face prazenteira emboscava-se a alma de um assassino medieval. E pensando em tudo aquilo eu percebia agora claramente a solércia com que a coisa fora planejada. Ele fingira recolher-se como os outros. Na certa tinha testemunhas para prová-lo. Depois, furtivamente, descera dos seus aposentos, atraíra-me àquele calabouço e me abandonara. Sua versão seria simples. Ele me deixara na sala de bilhar para terminar o meu charuto. Eu descera por minha própria conta para olhar o gato uma vez mais. Entrara na cela sem reparar que a jaula estava aberta, e fora apanhado. Como atribuir a ele o crime? Suspeitas, talvez – mas provas, nunca!

Como custaram a passar aquelas medonhas duas horas! Uma vez ouvi um leve som rascante, que imaginei ser o bicho lambendo o próprio pelo. Várias vezes aqueles olhos verdes fuzilaram para mim na treva, porém sem fixar-me, e as minhas esperanças se robusteceram de que a minha presença tivesse sido esquecida ou desprezada. Finalmente uma vaga claridade começou a despontar nas janelas – a princípio eu as vi como dois retângulos cinzentos na parede negra, depois o cinzento converteu-se em branco, e eu pude enxergar novamente o meu terrível companheiro. E ele, ai de mim!, pôde enxergar-me também.

Percebi de imediato que o seu humor estava muito mais agressivo e perigoso do que quando o vira pela última vez. O frio da manhã o irritava, e

ele estava com fome também. Rosnando continuamente, andava de um lado para outro ao longo da parede oposta ao meu refúgio, os bigodes se eriçando iradamente, a cauda estremecendo e vergastando o ar. Quando ele virava nos cantos, seus olhos selvagens sempre subiam para mim numa torva ameaça. Eu sabia que ele queria matar-me. Ainda assim surpreendi-me, mesmo naquele momento, a admirar a graça sinuosa daquele ser diabólico, dos seus movimentos longos, ondulantes, sinuosos, do lustro dos seus belos flancos, do escarlate vivo e palpitante da língua reluzente que pendia do focinho negro como a noite. E todo o tempo aquele ronco profundo e arrepiante se alteava num crescendo ininterrupto. Eu sabia que a crise era iminente.

Era uma hora miserável para morrer aquela espécie de morte. Eu estava tenso e dolorido, tremendo em minhas roupas leves sobre aquela grelha de tortura onde estava estendido. Tentava reunir coragem para o transe, elevar minha alma acima dele, e ao mesmo tempo, com a lucidez que às vezes acompanha o completo desespero, circunvagava os olhos à procura de um possível meio de escapar. Uma coisa era clara. Se a frente da jaula retornasse ao seu lugar, eu estaria protegido por trás dela. Seria possível puxá-la de volta? Eu mal me atrevia a mover-me, no receio de provocar um ataque. Lentamente, muito lentamente, estendi o braço até alcançar a beira da grade, cuja barra extrema ressaía da parede. Para surpresa minha, ela cedeu bastante facilmente ao meu puxão. Obviamente a dificuldade em deslocá-la para fora resultara do fato de eu ter me agarrado a ela. Puxei de novo e ela deslizou mais umas três polegadas. Aparentemente corria sobre rodas. Puxei de novo... e então o gato saltou!

Foi tão rápido, tão súbito, que eu não vi a coisa acontecer. Simplesmente ouvi um regougo selvagem, e um átimo depois os olhos amarelos abrasados, a cabeçorra negra e achatada com sua língua vermelha e dentes faiscantes estavam ao alcance do meu braço. O impacto do animal sacudiu a grade sobre a qual eu me encontrava, a ponto de eu pensar (na medida em que podia pensar alguma coisa num momento como aquele) que estava desabando. O gato balançou-se ali por um instante, a cabeça e as patas dianteiras muito próximas de mim, os pés agatanhando à procura de um apoio na borda da grelha. Ouvi as garras raspando a malha de arame, e o hálito da fera me nauseou. Mas o salto fora mal-calculado. Ele não conseguiu manter a posição. Devagar, com um arreganho de fúria, e arranhando loucamente as barras da grelha, oscilou para trás e caiu

pesadamente ao chão. Com um ronco, voltou-se instantaneamente para mim e encolheu-se para um novo bote.

Eu sabia que os próximos segundos decidiriam meu destino. A criatura aprendera pela experiência. Não erraria uma segunda vez. Eu tinha de agir prontamente, corajosamente, por uma possibilidade de sobreviver. Num piscar de olhos eu formara um plano. Arranquei o meu casaco e atirei-o à cabeça do bicho. No mesmo instante saltei para o chão, agarrei a grade corrediça e puxei-a freneticamente para fora da parede.

Ela correu mais facilmente do que eu esperara. Perdi o equilíbrio e o impulso fez-me correr por toda a largura da cela, levando a grade comigo; isto fez com que eu ficasse do lado de fora. De outro modo, ter-me-ia posto a salvo sem um arranhão. O acidente resultou num momento de atraso, enquanto eu me detinha e tentava enfiar-me pela fresta que sobrara. Essa fração de tempo bastou para que o gato sacudisse para longe o casaco com que eu o cegara e saltasse sobre mim. Barafustei pela abertura e puxei a grade atrás de mim, mas ele alcançou-me a perna antes que eu pudesse recolhê-la inteiramente. Um manotão daquela enorme garra escoriou-me o tornozelo à maneira de uma apara de madeira que se enrola à frente de uma plaina. No instante seguinte, sangrando e quase desfalecido, eu estava deitado sobre a palha imunda, com a linha amiga das grades interposta entre mim e o monstro que investia furiosamente contra elas.

Ferido demais para mover-me, e por demais aturdido para sentir medo, só me restou deixar-me ficar estendido mais morto que vivo, e observá-lo. Ele comprimia o largo peito negro contra as barras e tentava pescar-me com as patas encurvadas, como vi fazerem gatos diante de uma ratoeira. Eu já ouvira falar do curioso efeito entorpecente produzido por feridas infligidas pelos grandes carnívoros, e agora me era dado conhecê-lo por experiência, pois perdera todo o senso da personalidade, e estava tão interessado no sucesso ou malogro do bicho como se aquilo fosse um jogo a que estivesse assistindo. E então, gradualmente, minha consciência resvalou para uma sequência de sonhos estranhos e confusos, em que aquela cara negra e aquela língua rubra retornavam sempre, e assim perdi-me no nirvana do delírio, o abençoado alívio dos que sofrem uma provação demasiado dolorosa.

Reconstituindo *a posteriori* o curso dos eventos, deduzo que devo ter estado inconsciente durante mais ou menos duas horas. O que me despertou foi um forte estalido metálico, o mesmo que fora o precursor da minha

terrível experiência. Era o retorno do trinco de mola. Então, antes que meus sentidos estivessem suficientemente desanuviados para apreender o que viam, percebi o carão roliço e prazenteiro do meu primo espiando pela porta aberta. O que ele viu certamente assombrou-o. Lá estava o gato agachado no chão. E eu estendido de costas dentro da jaula, em mangas de camisa, as calças em tiras e uma grande poça de sangue ao meu redor. Ainda agora posso ver-lhe a expressão estupefata, iluminada pelo sol da manhã. Ele não despregava os olhos de mim. Depois fechou a porta atrás de si e aproximou-se da jaula para ver se eu estava mesmo morto.

Não me é dado pormenorizar o que então se passou. Eu não estava em estado apropriado de testemunhar ou registrar os acontecimentos. Tudo que sei dizer é que de repente percebi que ele me voltara as costas – que olhava para o animal.

– Bravo, Tommy! – exclamou ele. – Meu velho Tommy!

Em seguida aproximou-se da grade, ainda de costas para mim.

– Quietos, rapaz! – bradou. – Quietos, seu bicho estúpido! Não conhece o seu dono?

Num relance, em meu cérebro embora estonteado, lampejou a lembrança de algo que ele me dissera, afirmando que o gosto do sangue transformaria o gato num demônio. Fora o meu sangue que o fizera, mas foi ele quem pagou o preço.

– Para trás! – ele esgoelou. – Para trás, maldito! Baldwin! Baldwin! Oh! meu Deus!

E então eu o ouvi cair, e levantar-se, e cair outra vez, com um som como de panos rasgados. Seus gritos foram esmorecendo, até que se perderam no rosar dilacerante. E então, quando o julgava morto, eu vi como num pesadelo uma figura desvairada, esfrangalhada, ensanguentada, correndo às cegas à volta da cela – e este foi o último vislumbre que tive dele antes de desmaiar novamente.

Levei muitos meses para recobrar-me – a rigor, nunca me recobrei inteiramente, pois até o fim dos meus dias estarei usando uma bengala como uma recordação da minha noite com o gato do Brasil. Baldwin, o cavaliariço, e os outros criados, não puderam compreender o que ocorrera, quando, atraídos pelos gritos de morte do patrão, encontraram a mim atrás das grades e os seus restos – ou o que mais tarde descobriram serem os restos – nas garras do animal que ele criara. Mantiveram-no à distância com ferros em

brasa, em seguida abateram-no a tiros através do postigo da porta antes de poderem finalmente libertar-me. Levaram-me para o meu quarto, onde, sob o teto do meu quase assassino passei mais de uma semana entre a vida e a morte. Chamaram um médico de Clifton e uma enfermeira de Londres, e ao fim de um mês eu estava em condições de ser transportado à estação e assim devolvido a Grosvenor Mansions.

Desse período ficou-me uma lembrança que poderia ter sido parte das visões sempre mutáveis produzidas por um cérebro em delírio, não estivesse tão marcadamente impressa em minha memória. Uma noite, na ausência da enfermeira, a minha porta abriu-se e uma mulher alta em luto fechado insinuou-se no quarto. Aproximou-se da cama, e quando ela inclinou sobre mim o rosto descorado, vi à claridade tênue do abajur que era a brasileira que o meu primo desposara. Examinou-me o rosto atentamente, e tinha uma expressão bondosa como eu nunca vira.

– Pode me ouvir? – perguntou.

Balancei a cabeça debilmente – pois estava ainda muito fraco.

– Pois bem, queria apenas dizer-lhe que o senhor mesmo foi culpado pelo que lhe aconteceu. Eu fiz o que pude. Desde o início tentei afastá-lo desta casa. Por todos os meios, exceto delatar o meu marido, tentei salvá-lo dele. Eu sabia que ele tinha um motivo para atraí-lo aqui. Sabia que nunca mais o deixaria partir. Ninguém o conhecia como eu, que tanto sofri em suas mãos. Não tive a coragem de dizer-lhe tudo isso. Ele me mataria. Mas fiz o que pude. No final de contas, o senhor foi o melhor amigo que já tive. O senhor me libertou, e eu imaginava que nada além da morte me libertaria. Lamento tê-lo ofendido, mas não posso retratar-me. Eu o chamei de imbecil – e o senhor foi de fato um imbecil.

Ela esgueirou-se do quarto, aquela mulher amarga e singular, e eu nunca mais a vi. Com o que restou dos bens do marido ela voltou para a sua terra natal, e mais tarde ouvi dizer que se fizera freira em Pernambuco.

Só depois de algum tempo da minha volta a Londres os médicos me declararam suficientemente bem para cuidar dos meus negócios. Não era uma permissão muito bem-vinda, pois eu previa que aquele era o sinal para o avanço de uma avalanche de credores; mas foi Summers, o meu advogado, quem primeiro dela se valeu.

– Estimo muito ver que milorde se encontra tão melhor – disse ele. – De há muito que espero para apresentar-lhe as minhas felicitações.

– Que história é essa, Summers? Não é hora para brincadeiras.

– Falo sério – respondeu. – Faz seis semanas que o senhor é Lord Southerton. Não lhe demos a notícia pelo receio de que a mesma pudesse retardar a sua recuperação.

Lord Southerton! Um dos mais ricos pares de Inglaterra! Eu não podia acreditar em meus ouvidos. Então, de repente, refleti no tempo decorrido, e de como coincidia com o que eu passara doente.

– Nesse caso, Lord Southerton deve ter morrido mais ou menos na mesma ocasião em que eu sofri meus ferimentos?

– Seu falecimento ocorreu naquele mesmo dia.

Summers encarou-me fixamente enquanto eu falava, e estou certo de que ele – um homem muito atilado – atinara as circunstâncias do caso. Fez uma pausa momentânea como que aguardando alguma confidência, mas eu não via o que teria a ganhar pondo a nu um tal escândalo de família.

– Realmente, uma curiosa coincidência – prosseguiu com o mesmo olhar manhoso. – O senhor naturalmente está a par de que o seu primo Everard King era o seguinte na linha de sucessão. Ou seja, se o senhor, e não ele, tivesse sido despedaçado pelo tigre, ou o que lá fosse, a esta hora, é claro, ele seria Lord Southerton.

– É claro – respondi.

– E isto era motivo de grande interesse para ele – disse Summers. Por acaso eu sei que o criado de quarto do finado Lord Southerton estava a seu soldo, e que a cada poucas horas lhe telegrafava informando o estado de saúde do patrão. Deve ter sido aproximadamente na mesma ocasião em que o senhor se encontrava hospedado com ele. Não é estranho que ele fizesse questão de estar tão bem-informado, sabendo não ser o herdeiro direto?

– Muito estranho – disse eu. – E agora, Summers, tenha a bondade de trazer-me as contas e um novo talão de cheques. Vamos começar a pôr as coisas em ordem.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original dos contos: *The Leather Funnel, The New Catacomb, The Case of Lady Sannox, The Brazilian Cat*

Este livro é uma seleção de contos do livro *A nova catacumba*, publicado na Coleção L&PM Pocket, v. 251.

Tradução: João Guilherme B. Lincke (Tradução adquirida conforme acordo com a Livraria Francisco Alves Editora S/A)

Capa: Ivan Pinheiro Machado

Revisão: L&PM Editores

Cip-Brasil. Catalogação na Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D784g

Doyle, Arthur Conan, Sir, 1859-1930

O gato do Brasil e outras histórias de terror e suspense / Sir Arthur Conan Doyle; tradução de João Guilherme B. Lincke. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

(Coleção L&PM POCKET, v. 1019)

Conteúdo: *O funil de couro; A nova catacumba; O caso de Lady Sannox; O gato do Brasil*

ISBN 978.85.254.2614-7

1. Doyle, Arthur Conan, Sir, 1859-1930. 2. História de suspense. 3. Ficção inglesa. I. Lincke, João Guilherme. II. Título. III. Série.

12-0147. CDD: 823

CDU: 821.111-3

© desta edição, L&PM Editores, 2012

L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

Pedidos & Depto. comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br